

tempo, ou perseverar toda a vida em hũa ingratitude tão desagradavel a teu Deos? Se te contentas com hũa virtude vulgar, e commua, virás a desprezar o excessso do amor do Senhor para contigo, e farás, com que fiquem inuteis todas as amorosas traças, que elle tem usado para de todo te conquistar o coração. Eia pois, não tardes mais, faze, o que tanto tempo ha devias de ter feito; offerecete toda ao teu Esposo, e dálhe a chave do teu coração, paraque lance fora delle a todos os seus inimigos; adverte, que Deos não quer nem competidor, nem companheiro; e assim, se queres estreitar o laço de hũa perfeita amizade com elle, não has de amar as creaturas, senão nelle, e por elle. Com Deos he, que has de conversar familiarmente; com elle he, que has de tratar os teus negocios; da sua gloria he, que unicamente te has de alegrar; e entristecer sómente pellos teus peccados, e pellos dos outros. Ditosã de ti, se fizesses este pacto, e o observasses sempre da tua parte, com fidelidade, exercitandote continuamente em actos de amor de Deos, porque, sendo essa chamma Celestial hũa participação do Divino Espirito, fará que sejas toda espiritual, te despegará do amor de ti mesma, e te unirá com o Senhor, consumin-

mundo em breve tempo essas paixões desordenadas, que com outros meios não acabarias de vencer em muito tempo. Seja pois este proposito o principal de todos os teus propósitos; seja este desejo o principal de todos os teus desejos; e seja a summa de todas as tuas orações o amar perfeitamente a teu Deos; dizelhe hũa, e muitas vezes, que se tu es hũa ingrata, elle he hum Deos de misericordia, que se não deixa vencer pelos ingratos, e que, se tu o não mereces amar, elle merece ser amado infinitamente; e concluirás com aquella Oração devotissima de Santo Ignacio.

**S**uscipe, Domine, universam libertatem meam; accipe memoriam, intellectum, & voluntatem; quidquid habeo, vel possideo, tu mihi largitus es; id totum tibi restituo, ac tuæ prorsus trado voluntati gubernandum; amorem tui solum, cum gratia tua mihi dones, & dives sum satis, nec quidquam aliud ultra posco.



## LIÇÃO ESPIRITUAL,

Para o primeiro dia dos Exercícios.

*SOBRE A VIRTUDE DA FE.*

**A** Verdadeira riqueza das almas, a sua nobreza verdadeira, e a sua bemaventurança nesta vida mortal, he a virtude. Basta dizer, que se agrada Deos della tanto, que apremeia até a sua sombra, até a sua imagem. Porque, que outra cousa foraõ as virtudes dos antigos Romanos idolatras, se não húa mera imagem da verdadeira virtude, pois se encaminhavaõ sómente ao bem temporal da vida civil, e eraõ unicamente vicio vestido com capa de virtude, pois só se dirigiaõ, nem tinhaõ outro fim, os que as obravaõ, que o amor da gloria mundana? E com tudo isso, como diz Santo Agostinho, a essa tal casta de virtude, ou falsa, ou muito adulterada, e de baixos quilates, a recompensou o Senhor com tantas victorias, e com o dominio univereal de quasi toda a terra entaõ descoberta. Com que genero pois de premio devemos nós crer ha de o Senhor recompensar, e apremiar as verdadeiras virtudes dos Christaõs, que sahiraõ da preciosa

fa mina da Graça, e trazem consigo a Imagem de JESU Christo? Sendo pois tudo isto assim, não haverá materia mais útil para a lição espiritual, que a que trata das virtudes, q̄ nos encaminha a aprendellas, e faz, que concebamos dellas hũa propria ideia, em ordem a nós mesmos as praticarmos; donde se segue, que por este mesmo meio se alcançará o fim proposto, que he a renovação do espirito nos santos exercicios; pello que se proporá, em ordem a se ler todos os dias, hũa materia conducente a algũa virtude das mais principaes, e das mais proprias do Estado Religioso. A Doutrina, e methodo, que se ha de seguir nesta materia, se reduzirá a tres pontos. O primeiro sobre a natureza da virtude, de que se trata; o segundo, sobre os meios, com que ella se deve conseguir; o terceiro exprimirá os actos, que se haõ de fazer para a alcançar. Começemos hoje pella Fé.

*QUE VIRTUDE SEJA A FE  
Christã.*

**A** Fé, de que fallamos, he hũa virtude Theologal, que eleva o nosso entendimento a ter firmiffimamente por ver-  
U 2
das

dadeirasas, todas as cousas, que Deos nos tem revelado, por isso mesmo, porque as tem revelado. He necessario, que expliquemos por partes o que temos ditto, para que se entenda bem esta materia. Em primeiro lugar pois, he a Fé hũa virtude Theologal, porque tem a Deos por seu objecto primario; e consiste a sua primaria excellencia em render o devido obsequio ao Senhor, como a primeira Verdade, que he. Tambem se diz, que eleva o nosso entendimento; porque o crer he hum grande dom de Deos, a que não pode chegar com as suas forças a natureza, mas requer, tanto nos seus principios, como na sua perfeição, hũa assistencia da Divina Graça, que allumie o entendimento, e mova a vontade, em ordem a dar o seu consento; pello que, a Fé Christã he hũa generosidade summa do entendimento humano, e hũa participação dos segredos Divinos, e daquella mesma noticia, que Deos tem de si mesmo. Alem disso se diz, que o conhecimento, que nos dá a Fé he firmissimo; porque, ainda que ella he escura, he todavia mais certa, que o que vemos com os olhos, e tocamos com as mãos, ou alcançamos com a luz da razão natural: e por isso se applicão á Fé aquellas palavras dos Cantares: sou negra, mas formo;

mosa: *Nigra sum, sed formosa*; porque a sua elcuridaõ encerra em si mais certeza, que a mesma evidencia das sciencias. E a razaõ he manifesta, porque o que sabemos pellas sciencias humanas, ou o sabemos por meio dos sentidos, que são taõ enganosos, como muitas vezes experimentamos, ou o sabemos pello discurso, que tantas vezes sahe errado, como sabemos; as verdades da Fé podem, essas as cremos por authoridade da Divina Palavra, que he impossivel se engane, ou nos queira enganar. Pello que, não ha cousa no mundo, nem a pode haver, de que estejamos mais certos, do que aquillo, de que nos certifica a Fé; porque estriba sobre hum fundamento, que he impossivel, que falte, qual he a authoridade Divina; e assim, havemos de crer os artigos, que a Santa Igreja nos propoem, não porque nascemos no gremio da mesma Igreja, nem porque os crem os outros Fieis, nem porque nos tem proposto para os cremos os Mestres, e Prêgadores, mas unicamente porque Deos os tem revelado. E para que fiques mais bem instruida nesta materia, he preciso saberes, que no exercicio da Fé intervem dois actos; hum de querer crer as couzas reveladas; o outro de as crer actualmente. O motivo pa-

ra as crer, como ja fica ditto, he o havellas  
 Deos revelado, o qual, como Verdade sum-  
 ma, e Bondade immensa, que he por essen-  
 cia, nem se pode enganar, nem enganarnos  
 a nós: o motivo porem de as querer crer, são  
 todos aquelles testemunhos, que nos tem da-  
 do o Senhor, paraque venhamos em conhe-  
 cimento, de que elle tem fallado, e de que  
 tem manifestado á Santa Igreja os Mysteri-  
 os, que crêmos. Esses testemunhos são prin-  
 cipalmente sete, representados naquelles se-  
 te sellos, de que se faz menção no capitulo  
 quinto do Apocalypsi. O primeiro he o  
 cumprimento das profecias: porque por hũa  
 parte, o prever as cousas futuras, que de-  
 pendem da liberdade da vontade humana, ou  
 da Divina vontade, e o prevêllas por virtu-  
 de, e sciencia propria, e annunciallas com  
 todas as suas circumstancias, antes que suc-  
 cedaõ, não pode sahir, senão de Deos, co-  
 mo he manifesto; e por outra parte, se achaõ  
 annunciados com tanta miudeza os succes-  
 sos da vida, e morte do Redemptor, reve-  
 tidos de todas as suas circumstancias, ainda  
 as mais minimas, que se não pode dizer, se-  
 não que Deos mesmo foi o que os descobrio  
 por boca dos Profetas; e que, se assim fallou  
 Deos, he verdadeira aquella Fé, para cujo  
 prin.

principio, e conservação, se moveo a fallar. O segundo sello he a Santidade da Lei Christã, nos preceitos, que impoem, nos meios, de que nos provè, para os observar, e nos effeitos, que produz nos que perfeitamente os observaõ. Em todas estas cousas naõ ha duvida; e assim tambem naõ ha duvida, que a Fé Christã provem de Deos, que he a Fonte de toda a Santidade; e sendo o Senhor santo em todas as suas obras, como diz o Profeta, quanto mais ha de parecer santo na formação da Religiaõ, que he a norma de toda a santidade verdadeira. Hum só santo pois, he hum argumento invencivel da verdadeira Fé; por onde collegirás, que argumento será para a Fé Christã, o ter innumeraveis Santos. O terceiro sello he a Sabedoria, que se acha em grao taõ eminente em tantos Doutores da Religiaõ Christã; os quaes, quanto mais tem examinado os fundamentos da nossa Fé, tanto mais solidos os tem achado, e tanto mais fortemente se tem firmado nelles; o que de nenhum modo se vê nas demais feitas, porque nellas sempre succede, que os que mais sabem, menos crem. O quarto sello, he a propagação admiravel da nossa santa Lei; porque, para a plantar no mundo, foi necessario destruir a



Idolatria, tão universal em todos os lugares, e tão antiga por tantos seculos; e destruir tambem todos os vicios, e desarraigá, e arrancallos dos coraçoés dos homens, em que tinhaõ lançado tão profundas raizes. E alem disso, foi necessario plantar hũa crença tão superior aos sentidos nos Mystérios, que propunha, e tão contraria aos mesmos sentidos nos Preceitos, que punha; e com tudo isso, em brevissimo tempo se destruiu a Idolatria, e se plantou a Fé Christaã; e o mundo por meio della, de hũa sentina de todas as maldades, se trocou em hum jardim de todas as virtudes: o que tambem mostra com mais evidencia o braço Divino nesta mudança, he, que ella se fez por meio de poucos Discipulos, pobres, ignorantes, humildes, forasteiros, e aborrecidos de todos; e se fez, contradizêndolhes os Philosophos, oppondoselhes os Politicos, e movendole contra elles com as suas armas, e o seu poder todos os Principes da terra. O quinto sello são os milagres, que propriamente se chamaõ o sello do Omnipotente; porque assim como os homens costumãõ fallar com as vozes, assim Deos falla com prodigios. Esses milagres tambem naõ tem numero entre os Christaõs; e assim, a sua multidaõ,

tidaõ, o testemunho, que delles daõ todas as naçoẽs, a piedade dos que os obraraõ, o bem, que os mesmos tem feito em todos os Povos, e a continuagaõ de todas essas maravilhas, em todos os seculos, saõ raios taõ vivos, que testificaõ a verdade com tanta clareza, que, para a naõ ver, naõ basta fechar os olhos, mas he necessario tirallos de todo. O sexto sello, he o testemunho, que daõ os Martyres todos, com o seu numero, com a sua dignidade, com os tormentos, que sofriraõ, com o modo de os padecer, e finalmente com os effeitos, que manaraõ do seu sangue. O numero foi taõ grande, que quasi se pode dizer, que só Deos o comprehende; a dignidade das pessoas he summa, porque entre os Martyres, huns foraõ illustres por nascimento, outros insignes em Doutrina, outros eminentes em santidade; e alem disso, velhos, meninos, mulheres, donzelas, isto he, gente, ou debil pellos annos, ou pello sexo, e accostumada a antepor facilmente a conveniencia á virtude; e estes tambem, e os demais sofreraõ tormentos os mais horri-  
veis, que soube inventar a crueldade; e os padeceraõ com tanta constancia, com tanta alegria, com tanta piedade para com Deos, e com tanta caridade para com o proximo, que

que fica de todo impossivel, que outrem, que não seja o mesmo Deos, os podesse fazer de hum temperamento tão invicto; especialmente, havendo sido tão frequentes os milagres, para lhes aliviar as penas, e tão frequentes as conversões dos idolatras, que se animavaõ a professar a nossa santa Fé, á vista dos mesmos estragos, com que os perseguidores a pretendiaõ extinguir. O ultimo sello finalmente, he a Constancia da mesma Fé, entre tantas tempestades, entre tantas revoltas, e entre tantos assaltos, ja dos inimigos de fora, ja dos rebeldes de dentro. As cousas humanas são de tal natureza, que com o largo tempo cahem por si mesmas; quanto mais cahirão combattidas? Pello que, se a Religiaõ Christãã houvera conservado, só por pouco tempo, as suas maravilhas, daria tal vez por esse principio algũa occasiaõ aos incredulos para duvidarem; tambem as folhas das arvores estaõ por pouco tempo sobre a agua, e, empapandose pouco a pouco nella, se vão abaixo: mas não succedeo assim á Fé, e Religiaõ Christãã, a qual, aindaq̃ dilatada por todo o mundo, aindaque professada por todas as Naçoës, aindaque examinada em todas as Universidades, tem sido sempre a mesma ha mais de desefete seculos;

culos; tem crido os mesmos dogmas, tem professado os mesmos Ritos; nem tantas, e tão diversas leituras, que se atreveraõ a combattella, lhe tem podido jámais causar o menor abalo, mostrando ella manifestamente na sua perpetuidade, que he obra de hum Deos eterno.

Estes são os sellos da Doutrina Evangelica, isto he, daquelle livro, cerrado para qualquer outro, que não he o Cordeiro Divino, a quem só tocava o trazella do Ceo a este mundo; e se cada hum delles, considerado com madureza, basta para mostrar, que a Fé Christãã não pode ser obra, senão de Deos, quanta mais bastaráõ todos juntos? o certo he, que o seu conhecimento faz tanta força aos mesmos demonios, que elles crem, e tremem, como diz o Apostolo Santiago: *Demonones credunt, & contremiscunt*, não porque 2.19d o seu entendimento seja illustrado por luz sobrenatural, como o está o nosso, mas por verem os sinaes, que tem a Religiaõ Catholica, para ser crida por verdadeira, he que se vê obrigado o entendimento daquelles malditos a julgalla por verdadeira, conhecendo claramente, que os nossos mysterios não podiaõ ser por nenhum modo invençoẽs do espirito humano, e muito menos do espirito dia-

diabolico, mas só instituição do Espírito Santo. E por isso não se pode ser tardo em crer na nossa Fé, sem ser ao mesmo tempo nescio em julgar, e digno de reprehensão:

Luc.  
24. 25.

*O stulti, & tardi corde ad credendum!* Tudo succede pello contrario nas demais feitas, que ha no mundo, porque, não tendo ellas a seu favor nenhum testemunho do Cee, se os seu sequazes as crem, nesciamente se portão, e a sua firmeza em as crer he vicio de obstinação, e não virtude de constancia.

Tal he pois a natureza da nossa Santa Fé, e della te tem feito o Senhor hum beneficio liberalissimo, infundindota no principio da tua vida no santo Baptismo, e aperfeiçoándoa por muitos modos depois de estares crescida, sem que apenas te tenhas dignado de lhe dar as graças; nem reparas no que serias, senão tivesses a verdadeira fé? de que te aproveitarias se a não tivesses, sendo ella o primeiro passo, por onde a alma se chega a Deos, e o primeiro principio para alcançar a Divina amizade: *Credere enim oportet accedentem ad De-*

Hebr.  
11. 6.

*um. Sine fide... impossibile est placere Deo.*

E he tambem grande o merecimento desta virtude, porque, em primeiro lugar, ella honra summamente a Deos, tendoo pello que

que he; isto he, por Verdade summa; e offerecendolhe em sacrificio a mais nobre das nossas potencias, qual he o entendimento, prompto, como outro Abrahaó, para lhe sacrificar o seu primogenito amado, que he o proprio juizo; e humilhando tambem ao homem de tal sorte, que seja profundo o seu rendimento, e perfeita a sua obediencia, pois he proprio da Fé o fazer, que se renuncie a si mesmo o homem no juizo das cousas em obsequio de Deos; pello que estima Deos tanto este holocausto, que ao crer cá na terra corresponde por premio o ver lá no Ceo, isto he, o ser para sempre bemaventurado.

### MEIOS PARA CONSEGUIR a Fé.

**S**E a Fé he húa virtude principal, verdadeira, e perfeita, e a raiz de todas as demais, forçoso será, que nos applicemos muito á arte de cultivar esta raiz da immortalidade: e para alcançar este fim, ajudarão grandemente tres meios. O primeiro he, pedir com grande instancia ao Senhor, que accenda sempre em tua alma com maior viveza esta luz Celestial, á imitação dos Santos Apostolos: *Adauge nobis fidem*; e á imi-  
taçãõ

Marc.  
9. 23.

tação daquelle pobre pai: *Credo Domine; adjuva incredulitatem meam.* E muito mais, porque a Fé, que se nos infunde, como fica ditto, no Baptismo, se aperfeiçoa pellos quatro dons do Espírito Santo, pello dom de Entendimento, o dom de Sabedoria, o dom de Sciencia, e o dom de Conselho; ensinandonos o dom de Entendimento a penetrar com grande clareza os Divinos Mysterios; o dom de Sabedoria a estimalla, como he bem; o dom de Sciencia a julgar rectamente das cousas creadas, ordenandoas, como meios, para conseguir o ultimo fim; e o dom de Conselho a applicar o juizo especulativo á praxe: *Per intellectum intuendo, per sapientiam gustando, per scientiam ordinando, & per consilium operando,* como ensina Santo Thomas. O que supposto, que melhor modo pode haver paraque cresça a Fé, que acudir muitas vezes ao Divino Espírito, e pedirhe estes dons, por virtude das quaes, hũa manhaã de fé ordinaria se faça hum dia de fé escolhida.

E porque a Fé parte está no entendimento, que firmemente crê, e parte na vontade, que manda ao entendimento essa tal firmeza no crer, claro fica, que, para fortalecer esta virtude, he necessario fortalecer ambas

as potencias, o Entendimento, e a Vontade. Pello que o segundo meio he, confortar o entendimento, pondonos de proposito a ponderar os testemunhos acima referidos, e que nos deo o Senbor, para nos fazer conhecer, que elle foi o que revelou os mysterios da nossa Fé. Destes testemunhos, diz o Profeta, que são excessivamente criveis: *Testi-* <sup>Psal.</sup> *monia tua credibilia facta sunt nimis;* porque <sup>92. 5.</sup> são mais claros do que nós podiamos racionalmente pedir, para nos resolver a crer os segredos, que se nos tem revelado; e assim, aindaque as cousas, que cremos, são escuras, são evidentes as razões, que nos movem a crèllas. Nem o buscar, e o ponderar essas razões diminue o merecimento, antes o augmenta, porque se buscaõ, e ponderaõ, em ordem a crer mais perfeitamente, e essa mesma diligencia nasce da maior promptidaõ da alma para a Santa Fé, e da maior devoçaõ, e amor para com os Santos Mysterios: *Repleti omni pace, & gaudio in credendo.* Essa mesma paz, e alegria maior em crer, se alcança tambem, augmentando no nosso entendimento a alta estimaçaõ do Poder, e da Bondade do Senhor, pois qualquer duvida, que se levante contra a Fé, provém, mais que de nenhũa outra cousa, da fraqueza do  
nos.



nosso entendimento, que não percebe, quanto deveria, a immensa esfera do Poder Divino, e a incomprehensível propensão, que tem o Summo Bem de se communicar ás suas creaturas, para cuja satisfação tem achado invenções tão maravilhosas. Por outra parte, quanto mais profundos são os mysterios, e mais excedem os limites da nossa fraca capacidade, tanto mais dignos são de Deos, e trazem impressas aquelle caracter, ou divisa da sua verdade, que he o ser o Senhor no obrar proporcionado ao seu ser. Por isso costumava dizer Santa Theresa, que naquellas verdades da Fé, em que a sua razão natural achava menos luz para descobrir os segredos, nestas achava o seu espirito mais paz, e mais devoção para as crer. E na verdade, que maravilha he, que não possa caber todo o mar na casca de hũa nóz? isso mesmo he ser mar: ou que maravilha he, que os Mysterios Divinos sobrepujem ao humano entendimento? isso mesmo he serem Divinos.

Depois de haver fortalecido bem o entendimento, he necessario cuidar em fortalecer a vontade, a qual se aperfeiçoa muito na Fé com as boas obras. A luz de hũa alampada he certo, que não nasce do azeite, mas sus-

tente

tentase, e se augmenta com elle; e tambem a Fé não pode nascer das obras, sustentase porem, e cresce com ellas. E por isso a limpeza do coração ajuda tanto a conservar, e a augmentar esta virtude Divina; porque, ainda que pode estar em hum coração junto com o peccado mortal, áchase todavia como em hum estado violento, e por isso pouco duravel; donde se segue, que não succede o faltar hum na verdadeira fé, sem que primeiro tenha faltado á sua consciencia:

*Bonam conscientiam ... repellentes, circa fidem naufragaverunt*, diz o Apostolo. Raras vezes succede, que os vaguedos da cabeça tenham outra origem, que a azia, ou repleção do estomago; logo o fugir das culpas, com grande cuidado, e attender ás boas obras, augmentará grandemente a tua Fé, e te succedera, como á aguia, que com a vista, e com os voos, te chegues sempre mais ao Sol da primeira, e summa Verdade.

Alem destes meios, de que nos podemos valer para fortalecer a nossa crença, se vale ás vezes de outro o Senhor, que parece improporcionado, mas aproveita maravilhosamente, para conseguir o mesmo fim. Consiste este meio em permittir, que as almas mais perfectas, e que mais aspiraõ a esta virtude,

sejaõ mais combattidas de tentaçõs vehementes contra a santa Fé. Mas assim como succede, que hũa fortaleza se reforça mais, e se faz mais inexpugnavel por aquella parte, por onde he acometida; assim tambem succede, que a alma, que he affaltada pello demonio com semelhantes duvidas, se fortifique mais contra ellas, e fazendo continuamente actos contrarios a essas tentaçõs, que lhe vem á imaginaçãõ, se venha a pôr mais firme na santa Fé, e este he o motivo, porque principalmente permite o Senhor este trabalho ás almas; pello que, quanto mais molesto he este genero de tentaçõs, he tambem tanto menos perigoso, pois o tormento, que se experimenta, he final da resistencia, que faz a alma combattida. E paraque, se algũa vez te achares nessas angustias, estejas mais bem instruida, em ordem a triumphares com a victoria, has de saber, que as duvidas contra a Fé se podem achar em nós de duas maneiras: hũa, quando a vontade as abraça, e por razãõ dellas julga, ou por falsas, ou por mal fundadas as verdades dos nossos Mysterios, donde se segue, que em lugar de se fortalecer na Fé, escolhe o vacillar, e seguir o entendimento, que assim titubia, quando o devia corregir. A outra maneira de duvidas he,

he, a que pãra no entendimento, sem permissão, antes contra o querer da vontade; pois a vontade forçada, e contra o seu gosto, sofre; que o entendimento vacille; porem, como o entendimento não está totalmente sujeito ao imperio da mesma vontade; succede, que, em lhe obedecer, experimenta hum grande tormento, nascido de crer firmíssimamente cousas superiores á sua natureza, e por hum modo tambem superior a ella; isto he, sem ver a evidencia das cousas, em que tem crido.

O primeiro modo de duvidas, que abraça a nossa vontade, encerra em si hum gravíssimo peccado, porque contem hũa gravíssima injuria contra o Senhor, qual he, o não nos fiarmos delle; porque, se se faz agravo a hũa pessoa douta, e de bem, em se não dar credito ao que ella diz, quanto maior será o agravo, que se faz á Bondade, e Sabedoria Divina por quem não quer ter por verdadeiras as suas palavras? Por hũa parte não pode com razão duvidar a alma, de que Deos tenha feito revelação dos mysterios, pois ha tantos, e tão manifestos sinaes disso; por outra parte, se Deos fez essa revelação, he certo, que he hũa injuria enorme feita á Verdade Summa, o pôr em duvida as cousas, que nos tem querido revelar.

O outro modo de duvidar, que he involuntario, e que, a pesar nosso, occupa o nosso entendimento, não só pode estar sem culpa, senão, que costuma ser acompanhado de grande merecimento, nem se perde, por sua via, antes se fortalece a Fé; porque, para haveremos de crer, depois que no Baptismo se nos infundio o habito da Fé, não são necessarias, senão estas duas cousas; a assistencia da Divina Graça, que nos illustre o entendimento, e mova o coração para exercitar esta virtude; e o consenso da nossa vontade, paraque, movida da Divina Graça, o dê livremente, e se delibere a querer crer: pello que, se estas duas cousas se acharem em ti, podes sempre, a pesar de todas as duvidas em contrario, formar o acto de Fé, e ja he actualmente crer, o querer crer.

Donde, reduzindo á praxe a doutrina, que se acaba de dar, se te sentires algũa vez molestada com esta casta de tenções, aproveitate contra essa molestia de algum dos tres meios seguintes. O primeiro he, desprezar tudo quanto em contrario te suggerir o demonio, e fazer delle o mesmo caso, que fazemos, quando nos falla hum louco, que he voltar-lhe as costas, e não attender ao que elle diz; e não se pode explicar o quanto este despre-

zo custa á diabolica soberba do tentador. O segundo he, invocar a assistencia do Senhor, e dos Santos, que mais te affinalaraõ nesta virtude, como faõ os Martyres, que a confirmaraõ com tanto sangue, e conservaraõ no meio de tantos tormentos. O terceiro he, protestar fortemente o contrario do que nos suggere o inimigo, declarando, que antes queremos morrer mil vezes, que perder a Santa Fé.

Refere Thomas de Kempis a este proposito, que hum Religioso de boa vida foi por muito tempo, e com grande furia combatido pello demonio com esta casta de tentações; e chegou a tal estado, que a vida lhe era tormento. Hum dia, entre outros, estando celebrando o Santo sacrificio da Missa no Altar de Santa Inès, creceo muito a tentação, e o reduzio a grandes angustias; pello que o miseravel, se voltou para o Senhor, pedindolhe com lagrimas a sua assistencia. Estando nesta oração ouvio húa voz, que lhe dizia no coração: Não queres tu crer do mesmo modo, que creio Santa Inès, e outras Santas, e Santos Martyres, que deraõ a vida em confirmação da Fé? a que respondeo promptamente: Sim Senhor, creio, e quero crer firmemente, assim como crearaõ ellas

Almas Santas; e logo desappareceo, como fumo, aquella tentação infernal, e o Servo de Deos se achou mais que nunca confirmado na Fé; e para mais a ir augmentando, repetia muitas vezes dentro de si: Creio, e quero crer, como creção os Santos Martyres, e como creê toda a Igreja Santa. Com semelhante animo poderás tu tambem portarte em semelhantes experiencias, das quaes finalmente sahirá a tua Fé, como o ouro do crisol, mais fino, e precioso.

*COM QUE GENERO DE ACTOS se pode praticar esta virtude.*

Hebr.  
10.38.

**O** Justo, como diz o Apostolo, vive da Fé; *Justus autem meus ex fide vivit*. Os peccadores, ou vivem vida animal, porque não cuidão, senão no presente, e não estimaão, senão o deleite; ou, quando muito, vivem vida de homens, quando se guiaão pella razão natural; mas quem he verdadeiramente justo, *Justus autem meus*, só se guia pellos principios da Fé, e pella Fé actual; e avivandoa continuamente, conserva a vida da alma, que consiste na Graça, e cresce em toda a virtude, até alcançar a vida da gloria, que não ha de ver nunca a morte. Pello  
que

que, irás animando com a Fé as tuas obras, para que sejaõ justas, e especialmente o farás nas cinco occasioes seguintes; quando fizeres oração, e rezares as tuas devoções; quando chegares aos Santissimos Sacramentos da Igreja; nas duvidas, que te occorrerem contra a Fé; nas tentações contra ella, ou qualquer outra virtude; e nas tribulações, que te sobrevierem.

Para ter pois oração, tanto a vocal, como a mental, he muito necessaria a fé da Divina presença: *Medius vestrum stetit, quem vos nescitis*, disse São João aos Judeos; e quantas vezes nolo podéra dizer tambem a nós, que, ainda que cremos, como ficis, que Deos está em toda a parte, e particularmente dentro de nós, todavia, sem attendermos á presença de Deos, tratamos com elle, tanto na oração, como fora della, como se estivera ausente. applica pois a tua Fé para penetrar vivamente esta verdade, lembradote, que o Senhor está muito attento para te ouvir, e para observar todos os pensamentos da tua alma, com olhos infinitamente mais resplandecentes, que o Sol, com o que se te fará facil o applicar a tua vontade a affectos devotos, e a supplicas fervorosas.

Para chegares a receber os Sacramentos



Santissimos, lembrete, que vas a metter a tua alma no sangue do Redemptor; e assim has de protestar, que na pessoa do Sacerdote, que vês com os teus olhos, reconheces a pessoa de JESU Christo, que só vês com a Fé; e quando te der a absolvição, suppoem que mette o Sacerdote a mão no lado do Redemptor, e derrama sobre a tua alma aquella Divino Licor, que sahe daquella preciosa chaga, para te purificar de todas as tuas maculas. E o mesmo has de fazer a respeito da sagrada Communhaõ, para a qual a melhor disposiçãõ antes, e depois de a receber, he a Fé viva da verdade daquelle tremendo Mysterio. Ditoza serias tu, se avivasses de tal sorte a tua Fé, que se podesse dizer de ti o que o Apostolo disse de Moyses, o qual, tratando com Deos, que he invisivel, tratava com o mesmo

Hebr.  
11.27.

Senhor, como se o vira com os olhos: *Invisibilem, tamquam videns, sustinuit*; taõ grande era o respeito exterior, e interior, e taes os affectos do seu abraçado coração. Poucas são as plantas, que produzem o seu fruto em outra parte, que no meio da sua flor; e raras vezes tambem te succederá o produzires frutos de devoção agradaveis ao Senhor, se não no meio de actos de verdadeira Fé.

As duvidas, que sobrevem nas trevas, em que

que vivemos, não se podem dissipar melhor, que com a authoridade da Fé, reconhecendo no Padre Espiritual, e no Superior, a Pessoa de Christo, e a sua Divina providencia, que quer guiar os homens por meio de outros homens: *Qui vos audit, me audit.* E quando não tiveres á mão a obediencia, para te determinares, recorre á Fé por conselho, e lembrete vivamente dos teus novísimos, que he o modo seguro, que te propoem o Espirito Santo, para nunca errares nas resoluções, que tomares: *In omnibus operibus tuis, memorare novissima tua, & in aeternum non peccabis.* Basta pois, que, quando estiveres duvidosa, te perguntes a ti mesma: e que partido quererias tu tomar, se houvesse agora de morrer? que he o que mais alegraria o teu coração, se houvesse de ser logo levada ao tribunal Divino, para seres julgada? não he loucura o não escolheres agora, o que então dezejarias tanto haver escolhido? como queres então colher o que agora não semcias? sendo certo, que tal ha de ser a colheita qual foi a sementeira: *Quae enim seminaverit homo, haec & metet.* Nas tentações, que te combattem, ou de complacencia, ou de espanto, trata logo de lhes resistir com a fortaleza da Fé, como a-

con-

Luc.  
10. 16.Eccli.  
7. 40.Gal.  
6. 8.

1.º Pet. 5.º 9.º conselha São Pedro: *Resistite fortes in fide,*  
 avivando assim a crença dos bens, e males  
 eternos. Pergunta ao tentador, que he o que  
 te ha de dar pellos seus deleites? o Paraíso,  
 ou o Ceo? e logo dirás a ti mesma: e ferei  
 eu tão louca, que pellas vilezas da terra quei-  
 ra renunciar hum mar immenso de bema-  
 venturança no Ceo: *Omnia... arbitror, ut*  
 Phil. 3.º 8.º *stercora, ut Christum lucrifaciam:* e quando  
 te quizer o inimigo metter horror, lhe di-  
 rás: paraque me queres espantar, oh desven-  
 turado, com o horror de padecer? os ver-  
 dadeiros tormentos são os que contigo haõ  
 de padecer tantas almas desesperadas, que,  
 por haver consentido nas tuas suggestões, pa-  
 gaõ disso a pena, sendo mettidas para sem-  
 pre em hum carcere de fogo; fica na certe-  
 za, que essa estancia he tua, e poderia ser  
 tambem minha, se consentisse com a tua von-  
 tade, e assim não quero consentir em tem-  
 po nenhum. Nesta mesma fragua da Fé se  
 forjaõ as settas, com que se faz tiro ao de-  
 monio, quando não só se não consente na  
 tentação, mas com grande generosidade de  
 animo se fazem actos contrarios a ella. Hum  
 certo servo de Deos vio alguns demonios,  
 que em figura de Mouros lançavaõ dardos  
 contra os Fieis, e a alguns passavaõ de parte

a parte, e estes eraõ os que consentiaõ na tentação; a outros lhes cahiaõ os dardos aos pés, e estes eraõ os que não consentiaõ na má suggestão; a outros davaõ os dardos no meio do peito de tal sorte, que voltavaõ para atrás, e feriaõ aos Mouros, que os tinhaõ despedido; e isto succedia áquellas generosas almas, que não só não davaõ consentimento á tentação, mas a voltavaõ contra o demonio por meios de actos contrarios, que faziaõ.

Finalmente, em todas as tribulações, não ha consolação verdadeira, senão por meio da Fé. O crystal nunca se congela em pedra, senão em lugar exposto ao sul. E podes ter por certo, que toda a constancia, que te podem infundir os motivos humanos, he constancia de vidro; mas se queres, que o teu coração se fortifique como hum crystal, has de expollo por muito tempo aos raios da Santa Fé na forma seguinte. Pondera sempre duas verdades, hũa ácerca do principio das tribulações, outra a respeito do fim dellas. As cousas, que te affligem, sempre te vem da Providencia do Senhor, que as tem disposto *ab eterno* para teu bem, e agora, com amor de pai, te appresenta esse caliz, por sua natureza verdadeiramente amar-

Joan.  
18. 11.

margoso, suavizado porem pella vontade Divina; pello que dirás tu tambem com o teu Redemptor; *Calicem, quem dedit mihi Pater, non bibam illum?* não hei de beber do caliz, que me offerrece o Padre Celestial? Tambem o termo, a que nos guiaão as tribulações, he o mesmo Deos, servindo ellas de nos unir mais estreitamente com elle, nesta vida por amor, e na outra por gloria: porque o padecer pello Senhor, como diz São Gregorio, não só nos encaminha a elle, mas nos leva, e como obriga por força a nos unirmos com elle: *Mala, que nos hic premunt, ad Deum nos ire compellunt.* Se quizeres tambem, a maneira daquelles fantos Animaes, que vio Ezequiel; imaginar, que tens, por meio da Fé, hum retrato do Ceo sobre a cabeça; *Similitudo super capita Animalium firmamenti,* serchá facil participares de semelhante fervor ao seu, no obrar, e em ir sempre para diante: *Ibant ... in similitudinem fulgoris toruscantis.* Pello que, em todos os teus trabalhos, ou de alma, ou de corpo, applicarás a ti o que ao Santo Martyr Symphoriano lhe dizia sua fanta Mãe: *Nate, nate, caelum suspice,* olha para o Ceo, e considera a coroa de gloria sempiterna, que te espera depois de hum breve trabalho. Le-

Ezec.  
1. 22.

v. 14.

van

vanta pois ao Ceo todos os teus penlamentos, sem fazer caso algum dos bens, ou males da terra.

Com este genero pois de actos se fará sempre mais robusta a tua Fé; e quem poderá explicar a ventagem, que nisto terá a tua alma? basta dizer, que a victoria, que vence ao mundo, e a todos os nossos inimigos, he a nossa Fé: *Hæc est victoria, quæ vincit mundum, fides nostra.* E assim, quanto mais se esforça o mundo para nos attrahir a si, por meio dos sentidos, tanto mais a Graça nos encaminha para Deos, por meio da Fé, que he contraria aos sentidos.

1. Jo.  
5. 4.

## LIÇÃO ESPIRITUAL,

Para o segundo dia dos Exercicios.

### *SOBRE A VIRTUDE DA ESPERANÇA.*

**H**E a esperança o maior bem da nossa vida mortal no meio de tantos males, que nos cercaõ: ella enxuga todas as nossas lagrimas, alivia as nossas fadigas, esforça a nossa fraqueza, e sára as nossas chagas; peilo que, não ha ninguem tam miseravel,

vel, que não dê qualquer preço pello bem; que lhe promettem para o futuro as suas esperanças. Porem quanto mais precioso he este balfamo da Esperança, tanto mais convem que estejamos attentos a que elle seja puro; e não adulterado; porque de outra forte, as esperanças dos peccadores não só são desestimadas na Divina Escritura, como vaãs, mas tambem detestadas, como abominaveis, pois servem de guia, e estimulo para o peccado: *Spes illorum abominatio.*

Job.  
21.26.

He pois a Esperança Christã, de que aqui se ha de tratar, hũa virtude Theologal, que produz em nossa vontade hũa firme expectação da felicidade eterna, e dos meios necessarios, e convenientes, que nos encaminhaõ ao alcance della. Que cousa seja virtude Theologal, se disse na lição passada; e agora debes considerar, que assim como o Sol produz a luz acompanhada do calor, assim o Senhor, havendo allumiado o nosso entendimento, dandolhe a conhecer, por meio da Fé, hum Bem infinito, qual elle mesmo he, que he difficultoso, mas possivel, de se conseguir com o seu Divino favor, inflamma consequentemente a nossa vontade, e a eleva sobre as tuas forças naturaes, para que dezeje esse Summo Bem, e para que attenda

a alcançallo, com a promessa, que lhe tem feito, e com a resolução, que tem tomado a vontade de pôr as condições, que o Senhor tem estabelecido, para se haver de alcançar, cooperando fielmente com a Graça Divina.

Este nobre dezejo pois de gozar de Deos por todos os seculos, e este esforço do nosso coração para chegar a possuillo, he o constitutivo da Esperança Christã. Mas assim como a Fé, não só inclina o entendimento a crer em Deos, como seu objecto primario, mas tambem nas outras verdades, fora de Deos, que as tem revelado, como seu objecto secundario; assim a Esperança não só inclina a vontade a dezejar, e esperar a posse do Summo Bem, senão tambem a dos outros bens, fora de Deos, que tambem provem do Senhor, e servem ao homem de meios para conseguir esse fim tão eminente. Repara pois quaõ ampla he a esfera da Esperança, e quanto dilata o nosso coração, pois o esforça a esperar todo o bem, que ha em Deos, e fora de Deos, em quanto servir, ou for necessario, para chegar a Deos. Nem isto he voar sem azas, nem dar passos maiores, que os pés, porque a Esperança estriba no mesmo Deos; *Innixa super dilectum suum*, e assim se muda em fortaleza Divina a nossa fraqueza.



Isai.  
40.31.

queza: *Qui sperant in Domino, mutabunt fortitudinem.* Verdade he, que a Esperança não estriba de todo em o Senhor, mas tambem em parte nos merecimentos proprios, em quanto dimanão da graça do mesmo Senhor, q̄ os requer, para nos dar a Coroa eterna com maior honra nossa; e assim quem espera, como deve, he como o Anjo do Apocalypse, que tinha hum pé sobre a terra, e o outro no mar; porque pella parte, que estriba nas promessas da Divina Bondade, he de todo firme, e immovel; porem pella parte, que estriba na nossa cooperação com a Graça, pode o homem vacillar, mas sem desordem, temendo não ponha elle impedimento da sua parte á salvação, ainda que não possa temer pello que toca á ajuda do Senhor. E porque aqui te poderia parecer, que o pôr algũa confiança nos teus merecimentos, pode prejudicar muito á humildade, e assim te privaria dos mesmos merecimentos; sabe, que isso assim seria, quando confiasse nos teus merecimentos, attribuindoos a ti mesma, como fazia aquelle soberbo Phariséo; porem se olhares para elles, como effectos da Divina Graça, que os produzio, conservou, e augmentou, e deo forças ao teu livre alvedrio, para concorrer para hum effecto tão

Di.

Divino, o fazer algũa firmeza nesses merecimentos, he estribar no mesmo Deos, que costuma premiar, como conquistas nossas, os seus mesmos dons. E com isto fica bastante explicada a natureza desta virtude, a qual, aindaque se nos infunda com a Fé no Baptismo; não basta com tudo o tãlla em habito, mas he necessario reduzilla frequentemente a acto; nem tampouco nos devemos contentar com a possuir em grau ordinario, mas procurar de a adquirir em grau heroico, e assim não só havemos de esperar nas Divinas promessas, mas augmentar essa esperança, como diz o Profeta;: *In verba tua supersperavi.* Para subir pois a grau tão sublime, te aproveitarão grandemente os tres meios seguintes.

Psal.  
118.  
74.

### MEIOS PARA ALCANÇAR A Virtude da Esperança.

O Primeiro meio, para conseguir tanto bem, como nos promete esta virtude, que nos promete todos os bens, he o pedilla com grande instancia ao Senhor, como se disse da Fé: *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam, creio, Senhor, ajudai vós a minha incredulidade,*

Marc.  
9. 23.

dade, dizia ao Senhor no Evangelho aquelle afflicto pai, e pretendia alcançar não só a Fé no poder de Christo, que ja tinha, mas a confiança, que redundava na vontade, pella applicação da mesma Fé. A imitação desse pai, convem, que peçamos muitas vezes ao Senhor nos dilate o coração, e nos dê esta confiança, que costuma ser a medida de todos os outros dons, porque ao passo, que caminha a esperança, vai seguindo a misericórdia: *Fiat misericordia tua, Domine, super nos, quemadmodum speravimus in te.*

Psal.  
32.22.

O segundo meio he, considerar muito de proposito, e esforçármonos a penetrar altamente os motivos, que temos para esperar em o Senhor. Quiz Deos, lá na Lei antiga, que os reos tivessem cinco Cidades de refugio; mas para nós só tem preparado hũa, que he a Esperança, que vale por todas, e he aquella Cidade posta em quadro: *Civitas in quadro posita*; porque por quatro partes nos convidada, a que busquemos nella refugio, e nolo assegura por quatro principios; que vem a ser a Omnipotencia de Deos, a sua Misericórdia, Fidelidade, e Justiça.

Apoc.  
21.16.

Porque pois, oh corações fracos, perdeis o animo? porque desconfiais? porque os vossos inimigos são sem numero? porque vos  
ar-

armaõ ciladas a cada passo? porque vos es-  
peraõ no passo estreito da morte, para vos  
assaltarem com grande furia? mas todo esse  
poder do inferno, á vista do Divino, naõ he  
como se naõ fosse? se Deos nos quizer fazer  
bem, quem nos podera fazer mal? *Si Deus* Rom.  
*pro nobis, quis contra nos?* por este lado he 8. 314  
inexpugnavel a Esperança, porque estriba no  
poder do Senhor; e quaõ impossivel he, que  
falte o Divino poder, tanto he impossivel, por  
essa parte, que seja mal fundada a vossa Es-  
perança.

Verdade he isso, dirás tu, se eu estivesse se-  
gura, que queria Deos empregar na minha  
defensa o seu Omnipotente braço; mas quem  
me assegura, que Deos queira fazer tanto?  
Deos he, que volo assegura pella parte da sua  
Divina Misericordia. Nem tu, nem outro  
entendimento creado, pode comprehender  
a ineffavel propensão do Summo Bem a se  
communicar a suas creaturas, em quanto saõ  
disso capazes, nem a ternura immensa do seu  
Divino coração, para se compadecer, e ali-  
viar todas as nossas misérias. Pode por ven-  
tura, diz o Senhor por Isaias, esquecerse húa  
mã, e naõ ter compaixão de seu pequeno,  
e amado filhinho? mais áinda que se achasse  
húa mã tão cruel, eu naõ hei de ser assim:

Isai.  
49.15.

*Ego tamen non obliviscar tui.* Pondêra o que tem feito por ti até agora. Por ti se fez Homem, na Encarnação; por ti se fez como Reo na Paixão; e se fez comida na Eucharistia: e sendo tudo isto assim, não pode haver motivo mais justo para esperar, que cumprirá o que falta, que he o fazerse nosso premio no Ceo: *Per ea, quæ cognoscis præstita, disce sperare promissa*, diz com muita razão Santo Agostinho. Grande felicidade he a nossa, pois tratamos com hum Senhor, que não pode ser escasso, porque nunca pode ser pobre. Toda a difficuldade, que os homens tem em enriquecer a outros, he porque tirão a si o que lhes dão, e por isso temem ficar pobres. Suppoem porém, que hum homem, naturalmente inclinado a fazer esmola aos pobres, tinha o privilegio de achar o dia seguinte em sua casa todo o dinheiro, que no dia antecedente tinha repartido em esmolas, poderia por ventura esse tal negar em tempo algum conta algũa aos necessitados? he certo, que lhe feria isto quasi impossivel, excepto no caso, que elle previsse, que o pobre havia de abusar da esmola, applicandoa a maos usos. E não tens tu ouvido da boca do Apostolo, que Deos he rico na misericórdia? isto he, que não perde nada de quanto dá,

dá, porque ainda fica Senhor do que tem dado, como era dantes; de sorte, que se podessem crescer as suas riquezas, crescerião repartindose, porque produzindo o Senhor de novo o bem, que em nós causa, não só não perde nada do seu, mas dilata o seu dominio, possuindo de novo o bem, que estava só nelle, e agora está nelle, e tambem em nós.

Pondera pois, e vê quanto se assegura por esta parte a Esperança Christãã; e ainda Deos, pello gosto, que tem de nos ver estribar nelle immovelmente, accrescenta á Misericordia hũa nova firmeza, que he a sua Fidelidade. Deos não perde nada em dar, antes, como temos ditto, de algum modo ganha; porem, se por impossivel perdesse, não se lhe daria disso, só por cumprir com as promessas, que tantas vezes nos tem feito na Sagrada Escritura, de nos ajudar nas nossas necessidades, e de nos ouvir as nossas petições: torno a dizer, que toleraria Deos essa perda menor, por evitar a perda immensamente maior, da sua gloria Divina, que resultaria, se elle deixasse de ser infallivel nas suas promessas. E como poderia Deos sofrer, que os miseraveis homens se jactassem de haver feito mais estimação da sua piedade, e fidelidade,

do que ella realmente era? poderemos por ventura crer, que Deos pratique o que só imaginallo he blasfemia? ou que Deos Omnipotente possa fazer gala de faltar á sua Divina palavra, sem nunca poder ter desculpa de assim ter faltado, quando ainda hum Capitão de Ladroes tem por affronta o faltar á sua palavra? Que gloria seria para a palavra de Deos o dizerse, que com ella sustenta immovel a terra, e o mundo todo sobre o nada, se se lhe podesse justamente oppor hum contrario, dizendoselhe, que não podéra fazer, que estivesse sem receio hum coração, que estribava nas suas Divinas Promessas?

Donde verás, que tambem por este principio he impossivel, que vacillem as nossas esperanças, que se fundão na Divina Fidelidade: e com tudo, nem ainda isso tem julgado o Senhor por sufficiente, pois vendo, que ainda não confiavaõ plenamente nelle as almas pusillanimes, fez tambem que entras- se a ser parte na nossa causa a sua Divina Justiça com os seus proprios merecimentos, para os premiar em nós, e nos fazer bem. Se pois temes, que os teus demeritos se opponhaõ á Divina Misericordia, e ao Poder Divino, em ordem a que se não cumpraõ as suas promessas, cia, bom animo, que JESU  
Chri-

Christo alenta a tua esperança: *Factus est* Pfal. 93.22.  
*mibi ... Deus meus in adiutorium spei meae;*  
 emprende elle, como Advogado, a defensão  
 da nossa causa, e pede por justiça, que se nos  
 pague, o que a elle lhe he devido, substitu-  
 indonos no seu lugar. Não he pois verda-  
 de, que não temos merecimentos para que  
 Deos nos ouça, porque temos merecimen-  
 tos summos, quaes são os do nosso Redem-  
 ptor, que são nossos, por nos haver elle fei-  
 to cessão delles na Cruz, e a ratifica cada  
 dia no Santo Sacrificio da Missa, para que,  
 offerecêndoos ao Eterno Padre, lhe possá-  
 mos dizer intrepidamente, que nos livre de  
 todo o mal por sua mesma Divina Justiça:  
*In iustitia tua libera me;* porque usando com-  
 nosco de misericordia, paga juntamente a Pfal. 30. 2.  
 JESU Christo o que se lhe deve, que se não  
 pode inteiramente pagar, por ser infinita es-  
 sa divida. He sim verdade, que á maneira  
 do Servo do Evangelho, estás individada pa-  
 ra com Deos en húa somma, que excede  
 tanto as tuas forças, mas nem por isso dei-  
 xarás de satisfazer; e podes dizer no Tribu-  
 nal de Deos, que has de pagar: *Patientiam* Matt. 18.26.  
*habe in me, & omnia reddam tibi.* O preço  
 do Sangue do Redemptor, as satisfações da  
 sua Paixão, e os merecimentos da sua vida  
 são



saõ o estabelecimento de hũa renda taõ grande, que applicãdoa tu a ti mesma por hum acto de verdadeira esperança, naõ tens que temer todos os raios; pois JESU Christo com os seus Divinos ombros te servirá de defensiva: *Scapulis suis obumbrabit tibi.* Oh Deos da Esperança, *Deus Spei!* quaõ bem vos quadra este honroso, e misericordioso titulo, pois he taõ firme contra qualquer acontecimento a confiança, que em vos se poem! Razaõ tendes para castigar severamente a quem naõ quer esperar em vós, pois vos naõ trata como quem sois, e vos quer tirar da Cabeça a melhor Coroa de Gloria, que vos daõ os vossos Divinos Atributos.

O terceiro meio para alcançar esta virtude da Esperança Christãã, he reconhecer por tentação muito perigosa qualquer pensamento de desconfiança. Deos me guarde, dizia hũa alma santa, das tentações, que naõ conheço por taes, porque he muito facil o abrirlhes as portas do coração, em lugar de lhas cerrar. Nas terras mais Septentrionaes, onde os Ursos por razaõ da neve, que quasi sempre cobre aquelle terreno, saõ brancos, fazem maior estrago, do que em outras partes, porque se naõ distinguem, e colhem os homens de improvisõ, e os mataõ. E do mes-

mo modo succede naquella casta de tentações, que vem com capa de virtude, como he aquella desconfiança, a que muitas almas dão acolhida, e fomentão, como que fosse humildade. Para descobrires pois este engano, deves presuppôr, que a Esperança não exclue o temor, antes o causa na alma; e se o excluísse, seria menos segura, porque seria como hũa não com grandes velas, mas sem lastro, para a qual, quanto mais prospero he o vento, tanto mais certo he o naufragio: alem de que, hũa tal esperança, sem receio, não daria a Deos a honra, que se lhe deve, como a terrivel nas suas obras, nos seus conselhos, e nos seus castigos, como nolo representaõ frequentemente as Divinas Escrituras. Dizse tambem, que a Esperança causa este temor; para intelligencia do que, podemos distinguir duas especies de temor bom, hum, que se chama servil, o outro filial. O servil faz, que temamos a pena eterna, ou a temporal, como contraria ao bem da creatura; o filial nos faz temer a culpa, como contraria ao bem do Creador; e assim como a Caridade he mãi do temor filial, assim a Esperança he mãi do servil, porque ao mesmo passo, com que se chega para o seu bem, se aparta do seu mal. Verdade he, que  
assim

assim como o peso do lastro, de que acima se fallou, não deve ser demasiado em hũa náó, mas proporcionado, para a ajudar a navegar, e andar, assim tambem ha de ser proporcionado o nosso temor, e o seu excesso se conhecerá logo pellos effeitos. Se vires, que esse temor te faz sollicita em assegurar sempre mais, e mais a tua salvação; se te impelle a te encommendar com mais fervor ao Senhor; a tirar com maior resolução os impedimentos, que se te poem diante no caminho da perfeição; foméntao, e agasalhao, como a amigo: porém, se elle só te servir de te perturbar a paz, se te inquieta a consciencia, e te tira o animo de proseguir o bem começado, não vês logo, que esse temor he hũa carga, que te opprime, e que o seu frio he frio de sazaõ, e não natural? Deve-se pois temer neste negocio grande da salvação, mas muito mais se deve esperar, e augmentar, como diz o Apostolo, a esperança: *Ut abundetis in spe, & virtute Spiritus Sancti*; mas finalmente o temor conduz pouco para obrar; e quem jámais venceria a seu inimigo, se cuidasse só em reparar os seus golpes, e se valesse da espada só para se defender, e não para ferir? Por outra parte, a Esperança nos estimula muito a obrar, e ainda nos submi-

Rom. 25. 13. *Ut abundetis in spe, & virtute Spiritus Sancti*; mas

finalmente o temor conduz pouco para obrar; e quem jámais venceria a seu inimigo, se cuidasse só em reparar os seus golpes, e se valesse da espada só para se defender, e não para ferir? Por outra parte, a Esperança nos estimula muito a obrar, e ainda nos submi-

ni-

niftra grande vigor. Porque, como ensina Santo Thomas, ella he o principio da fortaleza; nem as almas boas, esperando muito, haõ de temer a soberba, porque estribaõ totalmente na ajuda do Senhor; nem tam pouco haõ de ter descuido, porque sabem, que a Divina Graça pede a nossa cooperaçãõ, e quer que da nossa parte ponhamos os meios, que se tem estabelecido para conseguir os fins da mesma Graça; e por esta razãõ, a sua confiança as faz sempre mais sanas, como diz o Apostolo São Joãõ: *Qui* <sup>1. Joã</sup> <sup>3. 3a</sup> *habet hanc spem in eo, sanctificat se;* sendo, pello contrario, a confiança dos peccadores ou sempre vaã, ou sempre má; porque, ou pretendem alcançar a salvaçãõ sem merecimentos, ou estriba em o que nunca lhes prometteo o Senhor, como he o haverem de obrar bem pello tempo adiante, ou no fim da vida, quando ja não possaõ obrar mal. Donde, para concluirmos o nosso caso, se todo o verdadeiro Christãõ deve esperar mais, do que temer, muito mais se devem inclinar para a parte da Esperança as almas, que são naturalmente mais temerosas, quaes são ordinariamente as mulheres, e reconhecer por tentaçãõ muito perigosa as desconfianças, que em lugar de as chegar mais para

Dcos,

Deos, as apartaõ cada vez mais, esfriãdoas em seu amor, e fazendoas tardias, e pesadas para obrar bem. Com este espirito respondia S. Francisco Xavier a todos, os que, com titulo de amisade, o pretendiaõ estorvar em algũa empresa difficultosa, ja com o temor dos naufragios, e cossarios no mar, ja com a incommodidade extrema do Pais, ja com a barbaridade, e crueldade das gentes; respondia, digo, o Santo, depois de lhes agradecer o seu affecto, que de todos os perigos, que lhe representavaõ, nenhum temia tanto, como o desconfiar da ajuda de Deos, e que se não incorria nesse perigo, ficava totalmente seguro. Tambem São Pedro attribu-

Mate. 14-30. *io ao vento o irse afundindo, Videns ventum validum, timuit*: mas JESU Christo só o attribuiu á pouca confiança de São Pedro; 8. 31. *Modicæ fidei, quare dubitasti?* não he o peso das adversidades o que nos submerge, mas a nossa pusillanimidade em esperar, e recorrer a Deos.

**ACTOS, COM QUE SE EXERCITA a Esperança.**

**H**E tão grande a esfera da Esperança, que comprehende o vermonos livres de todos os males, e o adquirir todos os bens; donº

donde o Profeta, no *Psalmo* 21. nos lembra tres vezes em poucas palavras o quanto esperaraõ os Santos em o Senhor: *In te speraverunt Patres nostri; speraverunt, & liberasti eos; in te speraverunt, & non sunt confusi*; ensinándonos, a que, a imitação sua, havemos de esperar de Deos nos livre de todos os males de culpa, e de pena, e nos dê todos os bens do Ceo, com todos os soccorros necessarios, ou convenientes, para chegarmos a gozar delle.

*Psal.*  
21. 5.  
& 6.

Nesta conformidade pois, farás em primeiro lugar grandes actos de Esperança, a respeito dos peccados passados, protestando, que se fizeste traição ao Senhor, como outro Judas, offendêndoo, lha não has de fazer, desconfiando da sua piedade, e desesperando do perdão; e que a paciencia, que contigo tem tido, esperandote, quando te podia logo castigar, e o esforço, que te tem dado, para os manifestar ao Sacerdote na Confissão, são para ti hum final, de que te tem perdoado, animandote a julgar por perdoadas as tuas culpas, o haverem ellas sido tão excessivas: *Propitiaberis peccato meo, multum est enim*. Tambem a respeito das faltas presentes, dos mãos habitos, e inclinações viciosas, deves tambem tomar occasião de exerci-

*Psal.*  
24. 18.

exercitar a confiança em o Senhor, não te defanimando nunca por causa das tuas fraquezas, senão recorrendo a teu Medico, com segurança tanto maior, quanto mais experiencia tens, de que não podes sálar por ti mesma:

*Eccli. 31. 9. Fili in tua infirmitate ne despicias teipsum, sed ora Dominum, & ipse curabit te.* Dirás pois ao Senhor: Não sois vos Omnipotente? E vos, que haveis resuscitado de morte a vida, não podereis sálar inteiramente as minhas chagas? Sim podeis, Senhor, e eu assim o espero, e como por minha parte quero pôr todo o esforço para conseguir o remedio, que pretendo, não tenho receio de ficar confusa.

Quanto a ficares livre dos males de culpa, e pena, sabe, que esse exercito formidavel, que te acomette, ou de tentações do demonio, ou de tribulações, que te causem as creaturas, ou de angustias do teu mesmo coração, tão longe está de te dever causar temor, que antes te deve animar: *37. sal. 26. 3. Si consistant adversum me castra, non timebit cor meum; ... in hoc ego sperabo;* porque em fim, quanto mais perigosa he a guerra, tanto maior he a gloria do teu Divino Libertador: protesta pois, diante del- le, que não confias nas creaturas, senão em quanto elle tas dá, como meios para te li-  
vra;

vrrar; porém, que confias tanto nelle, que a-  
 indaque te visses com a espada da Divina ju-  
 stica na garganta para te cortar a cabeça  
 cèrcea, ainda havias de esperar nelle: *Etiam si* Job.  
*occiderit me, in ipso sperabo, & ipse erit sal-* 23. 19.  
*vator meus.* Oh que nobre coração tem a & 26.  
 esperança Christaã, se os perigos lhe augmen-  
 taõ os brios, e as forças, e as mesmas repul-  
 sas lhe accrescentaõ a confiança! Repara na-  
 quella mulher Cananea, que te está dando  
 hum heroico exemplo desta grande virtude.  
 Levanta ella a voz na presença do Redem-  
 ptor, para alcançar delle piedade; e o Se-  
 nhor lhe volta as costas, e dá mostras de a  
 não ouvir: intercedem entaõ por ella os A-  
 postolos, e não obstante tantos intercesso-  
 res, nega o Senhor a graça, que lhe pede;  
 mas ella, sem se desanimar, lança-se aos pés  
 de JESU Christo, e renova as suas suppli-  
 cas; mas o Senhor, não só não quiz despa-  
 char a sua petição, mas com huns termos  
 totalmente asperos, e que nunca tinha usado  
 o seu terno coração com outro algum, a  
 compara aos cães: *Non est bonum sumere pa-* Matt:  
*nem filiorum, & mittere canibus.* E com tu- 15. 26.  
 do isso, a generosa mulher tomou motivo  
 de taõ repetidos desvios para esperar com  
 mais firmeza, com o que conseguiu tudo, quã-  
 to



v. 28. to queria, sem limitação; e á medida dos seus  
 us dezejos: *Fiat tibi, sicut vis.* Da mesma  
 maneira has tu de tratar com o Senhor, nas  
 tuas orações; de forte, que quando lhe pe-  
 dires o necessário, e conveniente para a tua  
 salvação, ou perfeição, aindaque o Senhor  
 se faça surdo; aindaque conceda a outros as  
 mercês, e não a ti; aindaque, ao depois de o  
 haver invocado, te trate com mais aspereza,  
 do que dantes, em lugar de deixar as suppli-  
 cas, as has de augmentar, e dizerlhe: Senhor,  
 bellamente me negais o que vos peço; eu  
 fei muito bem; que, aindaque tenhais as mer-  
 cês apertadas na mão, a haveis algũa vez de  
 abrir, e as derramareis sobre mim em maior  
 abundancia; tanto me hei de encommendar  
 a vós, que aindaque não seja, senão pella mi-  
 nha importunidade, me haveis algum dia de  
 consolar. Este he o grau mais sublime, a que  
 chega esta virtude tão robusta, que, a modo  
 de hũa grande chamma, cresce mais, quan-  
 do a combattem os ventos. Dezesete annos  
 chorou Santa Monica por seu filho Agosti-  
 nho, e o viu depois, não só Christão, mas  
 Santo. Na idade de 40. annos le prometteo  
 a Abrahaõ o filho, que se lhe não concedeo,  
 senão aos 60. sem que jámais no espaço de tan-  
 to tempo deixasse de fomentar, e augmen-  
 tar

tar a sua esperança: *Contra spem in spem credidit.* E foi também tão generosa Santa Gertrudes em augmentar a sua confiança entre todas as tardanças; com que lhe dilatava o Senhor o despacho das suas petições, que elle lhe disse, que por essa razão lhe não podia negar cousa alguma, e que a sua confiança lhe ferviria de chave de seus Divinos thesouros.

Rom. 2  
4. 18.  
Lib. 1.  
ej. vi-  
ca, ca  
18, 1

Mais que em tudo se dilata a esfera da Esperança em dezejar, e esperar a perfeita posse do Summo Bem lá no Ceo, ainda que Deos, para que cresçaõ as nossas diligencias, e para nos conservar na humildade, tenha disposto, que nos fique escondido o mysterio de nossa predeterminação; e com tudo isso nos manda, que estejamos com bom animo ácerca deste negocio, e que, attendendo a servillo com fidelidade, esperemos, que o havemos de possuir para sempre com os Bemaventurados. Esta confiança nos enche de generosidade entre as cousas adversas, e prosperas desta vida, de sorte, que desprezemos os seus bens, e não temamos os seus males. Verdadeiramente, que hũa alma pode dizerse a si mesma com alguma seguridade: Dentro de poucos annos estarei no Ceo com os Santos, para gozar, por hũa eternidade, de hum bem tão grande, que, para gozar d'elle,

por hum só momento, todos os demonios do inferno, e todos os condenados sofreriaõ de boa vontade mil seculos de penas augmentadas naquelle seu abyfmo; e effa Gloria me espera, se eu for fiel ao meu Deos, e tenho della tantas prendas, quantos são os beneficios, que me tem feito, pois todos mos tem feito para o fim de eu gozar delle para sempre. Húa alma, digo, que se pode animar a si mesma com húa Esperança tão grande, como he possivel, que senão eleve sobre a esfera de todos os dezejos caducos, e de todos os temores? O Primogenito do Emperador do Japaõ, como destinado a reinar depois de seu pai, se cria com a advertencia, de que nunca jámais toque a terra com os seus pés. E como poderá hum coração Christaõ, destinado a reinar eternamente com Deos, não só tocar a terra com os seus affectos, mas engoltar-se tambem nelles, com perigo de perder o seu reino immortal? tudo isto provém, de que cuida pouco no Ceo, e ainda menos o dezeja, como aquelle Povo ignorante, que não cuidava na Terra de Promissaõ, levantose da apparente amenidade dos campos vizinhos. He tanto o bem, que espero, que toda a pena me he deleite, dizia São Francisco; e Santa Theresa; Espero húa vida tão  
sub-

sublimé, que morro, porque não acabo a vida: Ceo, Ceo, he o que eu quero, dizia São Philippe Neri, quando lhe offerenciaõ algum bem terreno. Dize tu tambem affim, armandote com a memoria do Ceo, contra todas as tentações, fortalecendote nos casos adversos, e levantandote sobre ti mesma, e sobre todo o creado, dizendo a teu Deos: Com tanto, que eu chegue, Senhor, a vos ver, e gozar eternamente, trataime como quiseris; aqui na terra cortai por mim, e abrazaime no fogo das tribulações, não me perdoeis cá no mundo, para me perdoareis para sempre no outro: *Hic ure, hic seca, hic non parcás, ut in æternum parcás.* Esta he a mercê, oh Senhor meu, que espero em vossas promessas hei de alcançar; e porque o conseguilla depende mais da vossa Bondade, que da minha cooperação, por isso estou mais segura, e descanso mais livremente no vosso seio, confiada nas vossas promessas, e nos merecimentos do meu Divino Redemptor.

Se te exercitares na Esperança com semelhantes affectos, experimentarás quanto se dilatará o teu coração, para correr pello caminho dos Divinos Preceitos; quanto ficarás mais cuidadosa de não offender a hum Senhor, que te promette hum tão grande bem;

bem; com quanta consolação acabarás a vida, tendo ja sinzes anticipados da tua bema-venturança, como acontece aos navegantes, que pello vento mais fresco, que lhes affo-  
pra, conhecem, que estaõ mais perto de ter-  
ra: *Beatus homo, qui sperat in te.*

Pal.  
83.13.

## LICÇÃO ESPIRITUAL,

Para o terceiro dia dos Exercicios.

### *SOBRE A VIRTUDE DA PE- nitencia.*

**G**rande aggravado fizeraõ á terra de  
Palestina aquelles Exploradores, que  
a pintaraõ ao Povo Hebreo taõ barbara, que  
tragava aos seus habitadores, em véz de os  
alimentar: *Terra, quam lustravimus, devorat*  
Num. *habitatores suos;* sendo ella taõ abundante, que  
13.33. se podia dizer, que a alagavaõ o leite, e o mel.  
Semelhante aggravado fazem os do mundo á  
penitencia, dizendo, que o dar-se hum a esta  
virtude, he metter-se nas garras da morte;  
sendo que as lagrimas dos penitentes saõ  
mais doces, que as alegrias dos theatros; e  
naõ só os homens robustos, mas ainda as don-  
zellas tenras, cobraõ esforço com a peniten-  
cia, para se maltratarem com grande rigor,  
c

e para fazer, que no meio desse rigor experimentem hum gosto, qual jámais tem experimentado os mundanos. Paraquẽ pois, não entres tu tambem no numero destes timidos, e enganados, será bem, que fiques informada da natureza desta virtude, e de como se pode facilmente alcançar, e exercitar.

A Penitencia pois he hũa virtude moral, que tem por emprego o destruir o peccado, e satisfazer á Divina Justiça pellas offensas, que se tem feito contra o Senhor. He esta virtude, diz Santo Thomas, hũa especie da justiça vindicativa, porque, vendo a alma, que he tão grande a santidade do Senhor, que não pode dissimular peccado algum, nem deixar de o aborrecer, e perseguir infinitamente, como a inimigo de sua Divina Gloria, concebe tambem semelhantes pensamentos, e se colliga com Deos, aborrecendo por extremo as suas culpas todas, e vingando em si os aggravos, que tem feito a seu Creador. Pello que, he esta virtude da Penitencia hũa participaçãõ grande da Divina perfeiçãõ, e santidade, e entre as virtudes, como diz Santo Thomas, he a melhor, senãõ absolutamente, ao menos naquella parte da santidade, que consiste em fugir do mal. Divide-se tambem a Penitencia em duas partes; como diz o mes-

mo Santo, hũa interior, qual he a contrição; outra exterior, que se chama satisfacção; e se distingue da paciencia, em sofrer cousas duras, mas voluntariamente admittidas, quando a paciencia, ainda que sofra cousas duras, são as que outrem nos faz sofrer contra a nossa vontade. Esta virtude da Penitencia entre todas as virtudes moraes caminha de tal sorte entre duos extremos, que não he facil dar no meio, sem declinar para hum delles. Alguns poem toda a sua diligencia, e toda a sua perfeição na Penitencia exterior, cuidando pouco em a animar com as outras virtudes, como se, para formar hum grande edificio, bastasse levantar hũa só parede, e empregar nella todo o gasto. Mas estes finalmente são poucos, em comparação do restante das pessoas, a quem só o nome de Penitencia causa horror: pello que parece, que assim como antigamente entre os Romanos, para se elles deixarem reger, foi necessario mudar o nome aos Regedores, de Reis em Consules; assim tambem, para que elles delicados se sujeitem de algũa sorte ao santo exercicio de affligir os seus corpos, será necessario buscar novos nomes, e menos aborrecidos, para incalcar esta virtude; porque de outra sorte logo se excusaõ com as

pou-

poucas forças, e com a pouca saúde; e quem tem forças, e saúde para buscar o deleite entre mil incommodidades de hum Entrudo dissoluto, lhe falta logo tudo para passar com menos incommodidade ja Quaresma, renovando em mau sentido as maravilhas do antigo Manná, que sofria os ardores do fogo, e se derretia ao primeiro raio do Sol. Donde, para não dar em hum destes dous extremos, e ou por hũa parte carregarse tanto de armas, que não possa peleijar, ou por outra estar de todo desprovido, e nu na batalha contra os sentidos, o melhor será escolher hum Padre espiritual, e governarse por elle: hũa corda em hum instrumento, se está pouco apertada, soa rouco, e, se o está muito, chia, donde he necessario entregar o instrumento a quem sabe, para o temperar bem. Ao Padre espiritual pois, deve pertencer o julgar, que casta de penitencia te he mais conveniente, e taxar a quantidade della, com que possaõ as forças do espirito, e do corpo. E porque algũas penitencias, como os jejuns, e as vigílias nos affligem por dentro; e outras, como a aspereza de hum cilicio, e de hũas disciplinas nos affligem só por fora, ao Director toca, não só o taxar a medida dessas asperezas, mas tambem o escolher as mais con-



venientes; principalmente, porque o querer-se hum governar pello seu capricho nesta parte, assim como tambem em outras materias de espirito, he o mesmo, que fazerse discipulo de hum Mestre idiota, como diz Saõ

Epist. 87. Bernardo: *Qui se sibi magistrum constituit, stulto se discipulum subdit.* Pode porém haver razaõ para naõ fazer algũa sorte particular de penitencias, mas naõ para as deixar todas, e em todo o tempo; e podese dezejar, e pedir outras penitencias mais asperas, que as que foraõ concedidas; pois o espirito, que nos move a praticar austeridades, sempre tem sido sinal de almas escolhidas, e amadas de JESU Christo, como nos adverte o Apostolo: *Qui autem sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis, & concupiscentiis;* donde teve origem aquelle proverbio, que corria entre os Padres antigos do Ermo: *Dame sangue, que eu te darei espirito:* querendo com isso significar, que ao passo, que se adiantava hum na Penitencia, se aproveitava no caminho do espirito, da virtude, e da perfeiçaõ.



MEIOS PARA ALCANÇAR O  
*espírito da Penitencia.*

**Q**ueixouse a seu pai a filha de Caleb, de lhe elle haver dado em dote hũa terra muito secca; e o pai, por lhe dar gosto, lhe deo outra duplicadamente fecunda, e regadia: *Dedit ei Caleb irriguum superius, & irriguum inferius.* Se hũa alma pois achar o seu coração, e o seu corpo mal disposto para o exercicio da penitencia, deve pedir a Deos este espirito, taõ contrario á nossa sensualidade, e o Senhor, como amoroso pai, lhe concederá as aguas superiores da Penitencia interior, *Irriguum superius*, e as aguas inferiores da Penitencia exterior: *Irriguum inferius*, com as que, fertilizada duplicadamente a alma, dará em abundancia todo o genero de frutos de santidade: e na verdade, que esta he a primeira lição, que o Espirito Santo ensina a hũa alma. Refere Surio, que havia no palacio de Maximiano hũa donzella, por nome Donna, a qual instruida felizmente com a lição das Epistolas de São Paulo, e dos Actos dos Apostolos, tirou desses livros tanta luz de verdade, que se resolveo a fazerse Christãã. E aindaque a guardavaõ com grande recato, ella deo traça, com que

Judic:  
1. 15.

a baptizassem ás escondidas; e apenas a houverão tocado as aguas do Santo Baptismo, quando logo se trocou em outra; vendeo as suas joyas, e vestidos ricos, para dar o seu preço aos pobres; deose a rigorosos jejuns, a dormir sobre a dura terra, a fugir das conversações, e a renunciar a todo o deleite, que não era o que tinha em passar horas, e horas em oração diante de húa Cruz, que ella mesma fizera com as suas proprias mãos. Este teor de vida, tão contraria á sensual, fez, que logo a conhecessem por Christãã, e a dispoz tambem para hum illustre martyrio. Invoca pois com frequencia no interior do teu coração ao Espirito Santo, e se se dignar de fazer morada em ti, não dúvides, que te haja logo de communicar hum grande amor á Penitencia. Para alcançar a qual he meio tambem efficaz, o esforçar-se hum a penetrar os motivos, que nos persuadem o alcance desta virtude. Santo Thomas affirma, que a Fé he principio da Penitencia; aviva pois a Fé no teu entendimento, e no teu coração; e logo ella produzirá em ti frutos dignos de Penitencia, quaes o Senhor requer de nós. A viva Fé pois das cousas futuras te descobrirá logo na Penitencia o *honesto*, o *util*, e o *deleitavel* de todos os seus bens.

E quanto á Penitencia interior, que coufa ha mais *honestã*, e mais *justã*, que o colligar-se hum com a Divina Justiça? querendo pois esta, que em todos os modos seja castigado o peccado, ou por Deos, que foi o offendido, ou pello peccador, que foi quem offendeo, escolhe tu castigallo pella tua propria maõ, com hũa satisfação voluntaria, isto he, por hum modo tanto mais facil para nós, quanto he menor hũa pena temporal, que a eterna; por hum modo tanto mais glorioso para Deos, quanto elle he mais honrado por hũa vontade virtuosa, que por hũa necessidade forçada; e esta mesma consideração mostra tambem quaõ justa, e honestã seja a satisfação exterior. Que coufa he mais propria de hum animo honrado, e de hum homem de bem, que o pagar as suas dividas? Os antigos Persas tinhaõ por grande infamia o morrerem individados; e com muita mais razão se devia de envergonhar hũa alma de partir deste mundo, sem haver satisfeito as suas dividas, em que está ao tribunal Divino, e sem querer dar a Deos aquella satisfação, que, se se dá espontaneamente, he mais estimavel, como he mais preciosa a myrrha, que distilla espontaneamente, sem esperar a incisaõ do ferro; quanto mais, que o não querer pagar, senão por

for-

## 364 Terceiro dia,

De sa-  
plu.Rom. 1  
13. 8.

força, he individarse hum mais para com Deos, como diz São Cypriano: *Ecce maiora delicta, peccasse, nec satisfacere; deliquisse, nec delicta deslere.* Sempre foi grande obstaculo á verdadeira amizade o dever outra coufa ao amigo, alem da fineza, com que nos obriga a amallo: *Nemini quidquam debeatis, nisi ut invicem diligatis,* diz São Paulo. Por isso procuraõ as almas Santas satisfazer superabundantemente por todas as suas culpas; e muito mais sabendo, que isso mesmo faz, que cresçaõ em caridade, assemelhando-se mais por este meio com o Redemptor todo coberto de chagas, e de pisaduras: como fazia São Bernardo; *Nolo vivere sine vulnere, cum te video vulneratum.*

Mais difficuloso ha de ser o mostrar, que a Penitencia he alegre, e delectavel; e o manifestar a traçaõ, que nesta parte nos fazem os nossos sentidos: os verdadeiros penitentes porém estaõ confessando a boca cheia, que naõ experimentaraõ antes tanto gosto em contentar as suas paixões, quanto experimentaõ ao depois em as mortificar, e em chorar as suas culpas. Duas castas de lagrimas reconhecem os Medicos, hũa de lagrimas frias, que nascem de enfermidade, outra de lagrimas quentes, que se originaõ do affecto  
in.

interior da alma enternecida, ou pello amor proprio, ou pello alheio. Desta ultima especie, sempre porém mais preciosas, são as lagrimas da Penitencia, que servem ao coração de comida, e bebida, *Cibabis nos pane lachrymarum, & potum dabis in lachrymis*, dizia ao nosso intento o Real Profeta. Não quero com isto dizer, que na praxe das austeridades succede o que sonhavaõ os Pythagoricos da Musica, que só com o som, e harmonia fãrava todas as enfermidades. Antes sei, que se á alma lhe foi sabroto o peccar, forçoso he, que lhe seja delabrido o satisfazer pello seu peccado; como porém o que he gemido em hũa røla solitaria he tambem canto; assim em hum coração contrito, e penitente, o que he dor, e aspereza, o estima tanto, que não trocaria por todos os gostos mundanos o que experimenta. Nem pode ser, que não dem contentamento a hũa alma, se he, que não tem perdido a Fé, a esperanza mais bem fundada de ter alcançado de Deos o perdaõ, e os amorosos indicios, de que está ja outra vez em amisade com o mesmo Senhor.

Seja porém muito embora dura a penitencia, de mau semblante, e aspera no tratamento, que nos faz, que isso pouco importa, se se considerar, que ella nos he taõ provei-

veitosa, e taõ necessaria, que até os Santos, que naõ necessitavaõ, digamos affim, della, a quizeraõ ajuntar com a innocencia; e tendo sido a sua vida taõ immaculada, que a modo daquellas antigas Pyramides, que naõ faziaõ sombra algũa, se naõ via nelles cousa reprehensivel, ou que fizesse sombra á graça, que nelles resplandecia, praticaraõ com tudo o conselho de Santo Agostinho, de que ninguem devia sahir deste mundo, ainda que tivesse vivido em innocencia, sem haver tambem exercitado esta formosa virtude, que he taõ propria do nosso desterro; á vista do que, julga tu mesma, se necessitará absolutamente della quem tem peccado, e isso mais, do que hũa vez. Os homens laõ commumente tardos em se persuadirem a que haja esta necessidade, porque se lhes mette na cabeça, que em Deos, ou está a misericordia separada da justiça, ou ao menos, que he contraria á mesma justiça a misericordia, e que a impede, por modo de hũa mã, que ás vezes naõ deixa ao pai castigar o filho mal criado: mas a verdade he, que essa persuasão he totalmente errada; porque ambos esses attributos saõ em Deos igualmente infinitos; e ainda que os seus effeitos saõ entre si contrarios, essas Divinas perfeiçõs saõ hũa  
cou

coufa só; donde se segue, que Deos as quer exercitar ambas juntamente, para obrar dignamente, e como a Deos convem; e assim, ainda que perdoa a culpa por misericordia, não quer perdoar a pena por justiça, ou ao menos a não quer perdoar de todo: *Verebar omnia opera mea, sciens, quòd non parceres delinquenti;* dizia o Santo Job, em que nos ensinou, que não perdoa Deos de tal forte ao delinquente, que não requeira algũa satisfação das culpas. Isto supposto, he necessario cuidar em não offender ao Senhor; mas se o offendermos, usaremos de grande crueldade conosco, se não cuidarmos em fazer penitencia; pois o que se podia pagar com hũa leve satisfação, será preciso pagallo algum dia com hum peso inexpressavel de tormentos. Succede às vezes, que tendo hum enfermo hũa chaga cheia de materia, e podridaõ, lhe permite o Cirurgião, por lhe não dar tanta molestia, que elle mesmo a esprema, e alimpe com as suas mãos; mas se ao depois conhece, que o enfermo a não espreme, nem alimpa bem, elle lhe poem as mãos, sem ter dor delle, de que grite, e gema, porque finalmente a chaga ha se de curar. Assim faz a Justiça Divina com as almas delicadas; donde succede, que quando hum teme demasiado hũa pouca de geada

Job.  
 9. 22.



da, como vem a ser as austeridades voluntarias, fica depois enregelado em hũa horrivel neve, qual he o rigor do tribunal Divino:

Job: *Qui timent pruina, irruet super eos nix.*  
6. 16.

Nem he sómente proveitosa, e necessaria a Penitencia, para restaurar o passado, mas tambem para assegurar o presente, e ainda para prevenir os males futuros. Algũas vezes tem declarado o demonio, que nenhũa cousa lhe causava mais espanto, que hum braço armado com hũas disciplinas. De que te aproveitaste pois, o queixáreste, de que es tentada, se te descuidas de fazer o pouco, que he necessario para venceres a tentação? de que serve o lamentares, que he contumaz o escravo do corpo, se tu o crias delicadamente, como se fora Senhor? Se o tratares com aspereza, a alma ficará mais forte para o futuro, diminuindose a violencia dos maos habitos, que se contrahiraõ, e merecendo do Senhor maior socorro para sujeitar as paixões rebeldes: assim respondeo o Abbade Moyles aos que o exhortavaõ, a que deixasse as suas asperezas; fazei, dizia, que me não fação guerra as minhas paixões, e eu logo farei as pazes com o meu corpo: *Quiescant passiones, quiescam & ego.*

Destá doutrina, e do exemplo de todos os  
San-

Santos, que sempre se affinalaraõ em a exercitar, poderás comprehender facilmente, quaõ erradamente desprezaõ tambem a Penitencia certas pessoas demasiadamente delicadas, que se fingem devotas, mas a seu modo, e dizem, q̃ a perfeiçaõ naõ consiste na Penitencia, mas na Caridade. Isso assim he, mais tambem o fruto de hũa vinha naõ consiste no seu cerco, pois as vides, e naõ os espinhos, ou sylvas, faõ as que produzem a uva; o cerco porém guarda este mesmo fruto, e, sem os seus espinhos, sahiriaõ frustradas as fadigas, que se gastaõ na cultura da vinha: *Ubi non est sepes, diripietur possessio.* Se achares hum só Santo, q̃ naõ fizesse muita estimaçaõ da austeridade exterior, e que com ella naõ haja começado, e continuado a sua carreira, entaõ concederei eu, que se faça pouco caso da Penitencia na vida espirital. Tornando porém ao nosso ponto, se a Fé viva te abrir os olhos da consideraçaõ, para ponderar os motivos acima expendidos, naõ posso duvidar, que o teu coração ha de alcançar logo hum espirito de aspereza contra ti mesma. O coral, que dentro das aguas do mar he brando, como hũa planta, em o tirando fora ao ar, se endurecece como hũa pedra. Tanto que Santa Maria Magdalena reconheceo este

Ecellã  
26, 27

proveito, que traz consigo a Penitencia, a começou a fazer, e não deixou de continuar nella, não só depois, que esteve segura do perdaõ, mais tambem depois que os Anjos a levavaõ todos os dias ao Ceo, como que queria de hum certo modo introduzir no Ceo as lagrimas, e os rigores.

*ACTOS, COM QUE SE EXERCITA a Penitencia.*

**A** Indaque são muitos os actos, que os Doutores attribuem a esta importante virtude, podemos na praxe reduzillos a quatro: dous, que pertencem á Penitencia interior, e são a *Attriçaõ*, e a *Contriçaõ*; e dous á exterior, que são *o buscar as austeridades*, e *o padecer as cousas duras, que se offercerem*, para satisfazer ao Senhor.

Quanto á *Attriçaõ*, ja sabes, que he húa dor da alma, pella qual se detestaõ os peccados commettidos, como hum mal contrario á mesma alma; e assim, para ter esta dor com mais viveza, chega com a consideração á vista daquella horrenda fornalha do inferno, e olha com attençaõ para aquella prisaõ, onde tudo he fogo; e os mesmos presos estaõ todos penetrados de fogo; e depois dirás a ti mesma: *Aut pœnitendum, aut ardendum*; ou hei de

de detestar de veras os meus peccados, ou hei de arder eternamente, e sem alivio nesse abyſmo de chammas. Por este meio te será facil o alcançares este saudavel arrependimento do mal, que tens commettido contra o Senhor; e te será tambem menos difficil o passar desta dôr, que he como aurora, para o dia claro da caridade, detestando summamente o peccado, não ja como mal, que toca á creatura, senão como mal, que diz respeito ao Creador, olhando para esse monſtruo mais que infernal, como a inimigo capital do Senhor, pois se oppoem totalmente áquella infinita bondade; despreza a sua immensidade, a sua justiça, a sua misericordia, e o seu amor, quebranta os seus preceitos, e perverte os seus designios; donde a mesma infinita bondade o aborrece tanto, quanto se ama a si mesma. Que coração pois, haverá, illustrado com algũa luz da Fé, que não deteste com todas as suas forças hum mal em tudo opposto ao Summo Bem? e quem não dezejará antes não ter nascido, que haver dado hũa só vez entrada em sua alma a hum traidor contra o seu Deos? Nesta especie de actos convem, que se exercite hũa, e muitas vezes, hũa alma, como quem dá muitos golpes em hũa serpente, ou por

odio, que lhe tem, ou por receio, de que não está ainda morta de todo.

E porque não basta só formar juizo, senão que he necessario tambem fazer justiça: *Facere judicium, & justitiam*, preciso he tambem castigar esse peccado: e por isso convem passar dos actos internos da Penitencia aos externos, abraçando as cousas, que são mais contrarias á nossa sensualidade, quanto ao tratamento do corpo, em tudo o que a obediencia o permittir, tendo diante dos olhos as injurias, que tens feito ao Senhor, para as recompençar com esse obsequio, e encendêndote em húa santa ira contra o teu mesmo corpo, como autor de hum mal tão horrendo, qual he o que offende a hum Deos infinito. E na verdade, que o perdoármonos a nós mesmos nesta parte he causa muito principal do pouco proveito, que sentimos no espirito; succedendolhe á alma, o que á vide, que com nenhúa cousa se esteriliza mais, que com o podâlla com hum instrumento, que corte pouco: *Est & quedam contusio falcis hebetioris*. No demais, não só te exercita esta virtude com tomar as asperezas, mas tambem com se privar hum de varios deleites, ainda que não sejaõ illicitos, de sorte, que o penitente, lembrandote, que se tem aprovei-

tado

tado do que lhe não era licito, se priva voluntariamente do que lhe seria permittido, para assim satisfazer á Divina justiça: *Consideravit quod fecit, & voluit moderari, quod faceret*, podemos dizer com São Gregorio.

Como porém he grande a nossa delicadeza, ja que se não pode acabar contigo, que emprendas a ser cruel contra ti mesma, buscando as Cruzes, ao menos não queiras ser tão frouxa em abraçar aquellas, que te encontraõ, e buscaõ; porque de hũa, e outra especie de tribulaçoões está semeado o caminho do espirito, como diz David: *Tribulationem, & dolorem inveni*; e em outra parte: *Tribulatio, & angustia invenerunt me*. Trata pois de receber das mãos do Senhor com agradecimento tudo o que te convem padecer no tempo da adversidade; ou nas occasiões, e lances contrarios ao teu genio; ou nos tempos oppostos ao teu temperamento; ou nos costumes dos outros, que se não casaõ com a tua indole; ou que provém de ti mesma, pella pouca saude do corpo, ou pella pouca quietação da tua alma, finalmente tudo o que he trabalhoso, ou penoso, na tua occupaçoão; a obediencia, a observancia dos votos, e regras, e o estado Religioso, o qual só, como diz Santo Thomas, equivale á mai-

Pfal.  
114. 3.  
&  
116.  
149.

2.2.9.  
186.2.  
5.ad  
9.

or penitencia, que se pode fazer no seculo,  
Estas molestias, e outras semelhantes, con-  
vem, que se aceitem com verdadeiro espiri-  
to de penitencia, isto he, com verdadeiro  
dezejo, de que se glorifique em nós a Divina  
Justiça, e de que se destruaõ todas as reliqui-  
as do peccado, intensissimo, e unico inimi-  
go da Santidade immensa do Senhor. Gran-  
de bondade he verdadeiramente a do nosso  
Juiz o aceitar tambem em satisfacão das  
culpas, aquellas mesmas penas, que não po-  
demos evitar, como são as molestias, a que  
está sujeita a nossa vida; mas por outra par-  
te não he menor, digamolo assim, o nosso des-  
cuido, em não procurar com grande cui-  
dado pagar as nossas dividas a tão pouco cu-  
sto, reservando para a outra vida a satisfa-  
ção dellas, onde se haõ de pagar com hum  
rigor inexplicavel. Todos os que não fize-  
raõ penitencia se haõ de achar em grandis-  
sima tribulaçãõ: *In tribulatione maxima e-  
runt, nisi pœnitentiam . . . egerint*: assim nolo  
intimou o Senhor por boca do Apostolo  
São Joaõ. E se toda a vida de hum Christaõ,  
como diz o Sagrado Concilio de Trento,  
deve ser hũa continua penitencia, quanto  
mais o deve ser a vida de hũa Pessoa Reli-  
giosa? Em fim, hũa palmeira em Portugal  
po-

Apoc.  
2. 22.

póde ter algũa desculpa, se não produz os seus frutos, ou porque o terreno não he proporcionado, ou porque o Sol não he tão intenso; mas que desculpa poderá ter, se não produzir com perfeição os seus frutos na Palestina, onde o Ceo, e a terra lhe são tão favoraveis, e onde outras arvores da sua mesma especie frutificão bem? Eu não creio, que possaõ ter desculpa, nem ainda os seculares no Tribunal Divino, se não fizeraõ penitencia; mas quanto menos a poderá ter hũa pessoa Religiosa, cujo Habito, e Profissão he de Penitencia?

## LICÃO ESPIRITUAL,

Para o quarto dia dos Exercicios.

### *SOBRE A VIRTUDE DA HUMILDADE.*

**N** Aõ he muito, que a soberba se achasse no Ceo, onde a natureza Angelica, logrou logo desde o seu principio, tanta estimação; mas he muito para admirar, que se ache na terra a soberba, sendo a natureza humana hum composto de pobreza, e miserias: não temos que ir a terras remotas, para bulcar materia para nos humilharmos;



Mich.  
6. 14.

*Humilatio tua in medio tui*, diz o Profeta Micheas, basta que olhemos para dentro de nós mesmos, e acharemos a todo tempo entranhada no nosso nada, no nosso ser, e no nosso obrar abundantissima causa para nos desprezarmos. E com tudo isso succede ser o homem tão prompto para ajuntar a miseria com a soberba, que, a modo de hum pavaõ, quanto mais vazio está de todo o bem, tanto mais ordinariamente está inchado. Será pois hũa das Ligoões mais importantes, a que te ensina a te humilhar; e se a soberba he principio de todo o peccado, como diz o Espirito Santo, o aprender a humildade, será para ti origem de toda a virtude.

Mas que cousa he a humildade? respondo, que hũa virtude moral, que descobrindo com o entendimento a grandeza de Deos, e a miseria do homem, nos obriga a reprimir o appetite desordenado da honra temporal, e nos conter dentro dos limites proporcionados á nossa baixeza.

E ainda que esta virtude resida essencialmente na vontade, presuppõem toda via no entendimento o conhecimento das nossas misérias, como regra, e medida dos actos da mesma vontade; e por isso São Bernardo a distingue em humildade de juizo, e em hu-

Serm.  
42. in  
Cant.

mil.

mildade de affecto; alem de que, assim como não pode ser perfeita esta humildade de affecto, sem o fundamento da outra humildade de conhecimento, assim este conhecimento de si mesmo não pode ser perfeito sem o conhecimento de Deos; razão porque Santo Agostinho ajuntava ambas estas cousas na sua oração, dizendo ao Senhor aquellas celebres palavras: *Noverim te, noverim me, ut amem te, & contemnam me.* Está pois tão longe de ser vil esta virtude, como poderia parecer á primeira face, que antes ella nos constitue em grao eminente, ainda para com os homens, se se olhar para as cousas com os olhos da razão, e da Fé; primeiramente, porque a humildade he húa manifesta profissão da verdade, por isso tão amada do Senhor, como elle declarou a Santa Maria Magdalena de Pazzi; em segundo lugar, porque no mesmo tempo, em que protestamos, que somos nada, e que de nosso não temos, senão imperfeições, e peccados, vimos a protestar, que todo o nosso bem vem de Deos, e que a este Senhor se deve toda a gloria; pello que, assim como a virtude da Religião professa directamente reconhecer a Divina excellencia, e indirectamente a nossa vileza; assim pello contrario a virtude da humildade

de professa reconhecer directamente a baixeza do homem, e indirectamente a alteza da Divina Magestade: uitimamente, porque a humildade he taõ semelhante á magnanimidade, que alguns Doutores a tem tomado por ella, e no sentir de Santo Thomas conuem muito com a magnanimidade na materia, e só differe della no modo; donde se segue na praxe, que os mais humildes, no seu conceito, sahem mais generosos nas empresas da gloria Divina; porque o grande, que em si não vem, o vem no auxilio do Senhor, e dizem tambem com o Apostolo: *Omnia possum in eo, qui me confortat*. Ainda mais: he taõ excellente esta virtude, que a não chegou a divisar a vista dos antigos Philosophos; e foi necessario, que JESU Christo a trouxesse consigo do Ceo á terra, e se nos posesse a si mesmo por exemplar della, primeiro na vida, e depois na doutrina, dizendo aquelle Senhor a todos os homens: *Discite à me quia mitis sum, & humilis corde*; aprendei de mim, a fereis mansos, e humildes de coração; porque, como observa Santo Agostinho, he cousa taõ grande o fazerse hum pequeno, que, se o não houvesse praticado aquelle, que só he grande, não se poderia ninguem a isso capacitar: *Ita magnum est esse par-*

2.2.9.  
161.2.  
4.ad 3.

Phil.  
4. 13.

Matt.  
21.29.

*parvum, ut nisi à te, qui tam magnus es, fieret, disci omnino non posset.* Não se pode levantar o arco Iris no Ceo, se o Sol se não abaixa.

Tom.  
6. lib.  
de 4  
Sanct.  
Virgi-  
nit. 6.  
35.

## MEIOS PARA ADQUIRIR A Virtude da Humildade.

**E**M primeiro lugar convem pedilla instantemente ao Senhor, como fizeraõ sempre todos os Santos; porque de outra sorte, se seria grande soberba o pretender adquirir com as proprias forças outras virtudes menos difficultosas, que presumpção não seria o pertender adquirir esta, que he tão rara, só com as proprias forças? Antes bem, importandonos tanto o alcançar esta virtude, como logo veremos, devemos accrescentar aos rogos outras asperezas, e penitencias, para mover ao Senhor com mais presteza, e efficacia, a que nola conceda. Se hum menino pede o peito á mã, esta ás vezes lho não dá, mas se o pede, chorando, e affligindose, logo corre a acalentallo. E neste sentido he que o Anjo disse a Daniel, que desde o primeiro dia, em que o Profeta tinha dado em se affligir com o jejum, e com o pranto, logo foraõ ouvidas as tuas depreca-

Dan.  
10.12.

çoês: *Ex primo die, quo posuisti cor tuum ad intelligendum, ut te affligeres in conspectu Dei tui, exaudita sunt verba tua.*

O outro meio pertence á nossa industria, e he o leguinte. Ja dissemos, que ha duas especies de humildade, hũa de entendimento, outra de vontade: donde preciso ser á reforçar hũa, e outra com a consideração dos seus proprios motivos. E em quanto aos motivos, que podem fazer, que nos conheçamos a nós mesmos, he necessario presuppôr, que o homem he como hũa formosa pintura, a qual, se se olha para ella por aquella parte, em que o artifice lhe tem posto as cores com tanta valentia, não ha cousa mais formosa; mas se se olha para ella da outra parte, não se vê outra cousa, senão hum sordido lenço, que he, o em que se delineou a pintura. E o homem, se se considêra adornado com a Divina Graça, e com os habitos das virtudes sobrenaturaes, he hũa obra celestial, e perfeita; mas se se considêra o que o homem tem de si mesmo, e separadamente dos dons de Deos, áchase, que he não só hum pouco de barro tosco, e de cinza, mas hum abyssmo de peccado, e de nada: *Nemo habet de suo, nisi mendacium, & peccatum*, diz o Concilio de Orange. Vês ahi pois, onde c-

stá

stá todo o segredo do conhecimento de ti mesma, que consiste em fazer esta separação, e em dar a Deos, o que he de Deos, e tomar para nós o que he nosso: *Si separaveris pretiosum à vili, quasi os meum eris*; nos diz o Senhor por Jeremias; porque, se attribuirmos especulativa, e praticamente a Deos tudo o que ha em nós de precioso, isto he, todo o bem; e a nós todo o vil, isto he, o nada do ser, e da culpa, daremos hũa sentença tão justa, que parecerá, que Deos tem fallado pella nossa boca. Conforme pois a esta doutrina, pòemte muito de proposito a considerar, que he o que eras, que he o que es de presente, e que he o que podes vir a ser para o futuro; perguntandote a ti mesma: *Quid fui? Quid sum? Quid esse possum?* porque nestes tres pontos comprehenderás toda a sciencia da humildade.

*Quid fui?* Se te puseres a considerar o que tens sido no tempo passado, não acharás outra cousa, senão nada, e peccados, e penas devidas aos peccados. Cem annos ha nem tinhas corpo, nem alma, nem força, nem merecimento, para sahir do abyssmo, em que estiveste por hum eternidade antecedente, e era sem comparação maior, do que tu, hum grãozinho de areia do mar. *Pesate* pois a ti mes-

mesma na balança da verdade, e vê, se nãa  
 quelle estado, e naquelle abyfmo te era por  
 ventura devido algum genero de louvor, de  
 benevolencia, e de estimaçaõ: pois o mesmo  
 se te deve agora, se te confidêras pello teu  
 ser, e assim como entãõ nãõ havia motivo  
 para te desvaneceres!, assim tambem agora o  
 nãõ ha, porque debes confessar, que he na-  
 da o teu ser: *Substantia mea, tamquam nubi-*  
*lum ante te.* Tiroute depois o braço do Om-  
 nipotente do abyfmo das trevas à luz deste  
 mundo; mas nãõ te póde deixar, nem ainda  
 hum momento, sem que continuamente te  
 vá conlervando; porque de outra sorte des-  
 apparecerias em hum instante, como o raio,  
 ou resplendor do Sol, quando se esconde e-  
 ste planeta, e todos os teus bens, que se fun-  
 daõ no teu mesmo nada, desappareceriaõ em  
 hum momento. É com tudo isto, este he o  
 titulo menor, que tens para te humilhares,  
 sendo que em si mesmo he muito grande:  
 passa mais adiante, e lembrete dos peccados,  
 que tens commettido. Se perdeste algũa vez,  
 por algum peccado grave, a amisade do Se-  
 nhor, te tens reduzido a hũa vileza taõ gran-  
 de, que hum sapo venenoso, e hum cadaver  
 ja podre he objecto sem comparaçaõ mais  
 digno, e menos, abominavel diante de Deo,  
 que

que a tua alma; e se foste ajuntando peccados a peccados, tem crescido de tal sorte a tua vileza, e a tua ignominia, que o mesmo Deos ficou della pasmado, e fez, que o Profeta Jeremias explicasse a sua admiracão naquellas palavras: *Quàm vilis facta es nimis, iterans vias tuas!* E porque a Divina justiça não devia deixar a desordem das tuas culpas sem a rectificar, constituindolhe o castigo devido, te destinou logo hum lugar no inferno, tanto mais profundo, quanto mais ia crescendo a tua maldade; e nesse poço de fogo te destinou a tua morada para sempre; de sorte, que te adiantaste tanto para penares no abyfmo, quanto havias de gozar de Deos no Ceo. Isto he o que es, e tens de teu em ordem ao passado, olha bem para ti, e repara, se por algũa parte te poderia entrar com razão a soberba, e a estimação propria.

Pode porém ser, que ja não estejas nesse estado, mas isso não o sabes tu de certo; e quando Deos te haja tirado d'elle, por sua piedade, a esse Senhor he, que se deve a honra, e o agradecimento, e a ti a confusão; porque assim como se não deixa de chamar secca a terra, aindaque a reguem tantos rios, porque ella por si, e sem agua he secca; assim se não deve deixar de julgar a tua alma  
por



por peccadora, e abominavel, pois o tens fi-  
do, e o serias ainda, quanto he da tua parte.

Tambem a consideraçaõ do que es ao pre-  
sente basta para te humilhares. *Quid sum?*  
Que sou eu? Em primeiro lugar es o que  
ja foste em outro tempo, e acabaste de  
ouvir ainda agora; e tudo o mais, que es, ou  
tens alem disso, he dom de Deos. Como  
porém o teu amor proprio, e a estimaçaõ de  
ti mesma te pode lisongear com aquella pou-  
ca virtude, que tal vez vejas em ti, bem se-  
rá de enganarte tambem nesta parte. Pello  
que tomemos hũa boa obra, como, por ex-  
emplo, a tua oraçaõ, e façamos della anatomi-  
a, para separar o precioso della do vil.  
Para tu poderes fazer esse pouco bem, que  
fazes, em orar, foi necessario, que te tirasse  
Deos do nada pella creaçaõ, e isso só devia  
bastar, para que desses a Deos toda a honra,  
assim como hũa vinha tributa todo o seu  
fruto ao dono, que a plantou. Alem disso são  
necessarias para isso as tuas potencias, e par-  
ticularmente as supremas, e essas tambem  
são obra do Senhor; ao que accresce, que he  
necessario, para ellas poderem obrar, que  
Deos as ajude para isso, como causa primei-  
ra, sem a qual as segundas não podem obrar  
coisa algũa, e são, como se não existissem.

E sendo o orar, e o ter commercio com o  
 Senhor hũa obra sobrenatural, he necessario,  
 que Deos, como Autor da Graça, submi-  
 nistre ás tuas potencias hum auxilio tambem  
 sobrenatural, para que os seus actos se elevem  
 a ordem superior. He finalmente necessario,  
 que te communique Deos a Graça santifi-  
 cante, pella qual te faças capaz de exercitar  
 hũa obra boa, e meritoria de vida eterna.  
 Tudo isto he necessario, que te conceda De-  
 os por sua bondade, e não só to conceda,  
 mas que to conserve continuamente até o-  
 brares, porque de outra sorte não poderias  
 produzir hũa acção verdadeiramente virtu-  
 osa. Que ha pois da tua parte, nessa boa o-  
 bra da oração? essa tua cooperação com a  
 Graça, e o bom uso das tuas potencias? mas  
 isso tambem he hum beneficio de Deos, e  
 hum dom seu, não porque não obremos o  
 bem, que fazemos, porque de outra sorte  
 não seria elle bem nosso, mas seria, como se  
 hũa vide se pegasse a huns cachos, que não  
 tinha produzido, e por conseguinte não se  
 podiaõ chamar seus: são sim bens nossos as  
 obras boas, que fazemos, mas são tambem  
 beneficios de Deos, porque o bem, que que-  
 remos, e obramos, não o podemos querer,  
 nem obrar, sem ajuda de Deos: *Non quia*

*non volumus, aut non agimus, sed quia, sine ipsius adjutorio, nec volumus aliquid boni, nec agimus,* diz Santo Agostinho. São pois as tuas obras todas de Deos, e todas também tuas, laõ porém de Deos por tantos titulos, quantas acabas de ouvir, e laõ tuas ló por cooperaçãõ; pello que, assim como aos filhos nascidos de pai nobre, e de mãi plebeia, toda a honra lhe vem da parte do pai, e toda a confusaõ da parte da mãi; assim nos partos das obras virtuozas, nascidos do auxilio Divino, e da vontade humana, todo o louvor se deve attribuir a Deos, e toda a confusaõ a

Dan. 9. 7. *notoutros: Tibi autem, Domine, justitia, nobis autem confusio.*

E isto se entende, ainda no calo, que nas tuas obras boas tivesses cooperado devidamente, e quanto te era possivel, com a Graça, sem mistura algũa de imperfeições, e de faltas da tua: mas que se ha de dizer á vista de tanto mal, que por tua parte accrescentas em todos os actos de virtude? tantas negligencias, tantas intenções sinistras, tantas faltas de commissaõ, e de omissaõ, que não tem numero, e taes, que se podesses conhecer plenamente as tuas obras, te encherias de espanto, e dirias com o Santo Job, e com tanta mais razaõ, quanto es menos santa, que elle

elle: *Verebar omnia opera mea*: ficava atemorizado á vista das minhas obras, ainda daquellas, que nos olhos dos homens pareciam dignas de louvor. Job.  
9. 28i

Finalmente, na materia do proprio conhecimento, o que mais temor deve causar, he o que está por vir: *Quid ero?* que hei de ser, ou, que poderei vir a ser? tu não has de tornar outra vez ao nada, porque tem decretado o Senhor de te conservar para sempre; poderás porém ficar reduzida a outro nada mais espantoso ainda, qual he o da culpa; e o da pena sempiterna, que lhe corresponde. Quem padece accidentes de gota coral, nem sempre anda cahindo por terra; e com tudo as leis o julgaõ por enfermo, porque tem dentro de si aquelle humor maligno, que o pode fazer cahir, não só em terra plana, mas tambem em qualquer horrivel precipicio; e tu, ainda que tal vez não cáias em peccados graves, tens com tudo entranhada em ti toda aquella malignidade do amor proprio, e da natureza corrupta, que basta para te fazer cahir em qualquer excesso dos mais horribes, só com Deos te desamparar, e deixar nas mãos da tua malicia. Pello que deves, como humildemente confessava Santo Agostinho, dar especiaes graças a Deos por

dos os peccados, que não tens commettido; nem has de commetter nunca; porque, se Deos te não houuera ajudado com a sua Graça, e apartado de ti os perigos, e houuera permittido ao demonio que te tentasse com todas as suas forças, nenhum homem teria commettido, nem havia de commetter maldade algũa, que tu não houveſſes commettido, ou hajas de commetter. E do mesmo modo te podes considerar, não só coberta de todas as maldades, mas cercada tambem de hum abyſmo de fogo, e de penas, que pellas melmas maldades terias merecido, e podias merecer para ao diante, ſem que diſſo poſſas escapar, ſenão por hũa mercè continuada do Senhor. E não eſtão as Hiſtorias Sagradas referindo tantos ſucceſſos desgraçados, que acontecerão a peſſoas exercitadas por muito tempo na virtude, enfiadas a combater contra o inferno, e gaſtadas com as aſperezas da penitencia, e depois miſeravelmente cahidas, e cahidas algũas dellas ſem ſe tornar a levantar? Tendo pois tu exemplos tão eſpantofos, faze como fazem os navegantes, quando vêm deſde o mar os montes, que lançaõ fogo, e he valerſe daquella luz, para outros tão funeſta, para navegarem com mais ſegurança; humilhate até

té o abyfmo de todas as culpas poffiveis, e ficarás tegura de não cahir; repara como os grandes Santos temiaõ tanto a fua fraqueza, e aindaque elles foraõ leoês generofos, como taes, tambem dormiaõ com os olhos abertos, e tu, que es medrofa lebre, não quererás temer, como elles temeraõ? havias de temer muito mais, por teres muito mais cauza para temer; mas ao menos teme tanto como elles, e fenaõ, faze outra coufa, que elles tambem fizeraõ, e he pôrte com firmeza em terra plana, para te affegurares de não cahir.

Depois de haver fortificado o entendimento com o conhecimento proprio, he necessario cuidar em fortificar a vontade, representandolhe, em ordem a que te abraçe com a humildade, eftes tres motivos, a faber, a *grandeza* desta virtude, a fua *utilidade*, e *necessidade*.

Ah mundo miseravel, e taõ cego no conhecimento verdadeiro das coufas, que chegas a ter por vileza, e por falta de animo, e valor, o humilharfe pello Senhor! sendo que não pode hum fazer este conceito, fem renunciar primeiro o Baptifmo, a Fé, e o nome de Chriftaõ, Podele por ventura negar, que fe humilhou JESU Chrifto, até parecer hum bichinho entre os homens, despre-

zado, e pisado? certamente se não pode negar; donde bem se vê quanto tem sublimado o Senhor todas as humilhações, tomandoas elle sobre si; e os desprezos, e abatimentos tem sido elevados ao Throno da Divindade, e se tem feito veneraveis na Santa Cruz; e por isso trazem á alma tanta gloria, quanto ella pode alcançar nesta vida mortal, na qual a nossa maior honra consiste em nos avisharmos a JESU Christo abatido pella humildade, assim como na outra vida consiste em nos avisharmos a JESU Christo sublimado na gloria. De sorte, que foraõ tão estimadas as humilhações pello Divino Verbo, que as ha de conservar para sempre; e quando os Santos no Ceo estarão humildes sim, mas nunca poderão ser humilhados, o Verbo Divino, permanecendo nas humilhações, que se dignou de tomar na Encarnação, ajuntará por todos os seculos a hũa summa exaltação hũa humilhação infinita. Quando São Pedro chamou immundos áquelles animaes, que se lhe offereceraõ em hum lençol, que desceo do Ceo ao tempo daquella sua celebre visão, ouvio logo hũa voz, que lhe disse: *Quod Deus purificavit, tu commune ne dixeris*; não he bem, que tu chames immundo o que o Senhor tem purifica-

AA.

10.15.

fica-

ficado. E desta sorte deve hũa alma Christã ouvir, com hũa santa ira, as temerarias vozes daquelles mundanos, que se atrevem a desprezar os actos voluntarios de humildade, depois de o Filho de Deos os haver naõ só deificado, em quanto lhe durou a vida mortal, mas os ha de conservar no mesmo esplendor, e nobreza na sua Divina Pessoa, em quanto reinar no Ceo.

O segundo motivo he a *Utilidade* desta virtude. Nenhũa outra conduz tanto para a nossa perfeiçãõ, tirando os impedimentos, e introduzindo as devidas disposições, como a humildade. Que he o que se requer para o oceano inundar hum paiz com as suas enchentes, senãõ, que o tal paiz esteja mais baixo, e posto em plano junto da ribeirão do mesmo oceano? Sendo pois Deos hum oceano de todo o bem, e que tem hũa propensãõ sem limite de se communicar às suas creaturas, nenhum obstaculo maior encontra, que a soberba; e assim, humilhando-se a alma, como deve, a inunda com hũa enchente de graças. Pella mesma razãõ se diz, que a humildade he o fundamento de todas as virtudes, naõ porque a todos preceda, pois naõ precede á Fé, mas porque tira todos os obstaculos, e faz o homem capaz de receber



os influxos Divinos, em ordem a conseguil-  
 las todas, e principalmente para alcançar, e  
 augmentar a caridade, que he a rainha de to-  
 das. Nunca jámais se accenderá fogo com  
 hum espelho convexo posto diante do Sol;  
 mas sim com hum crystal concavo; e de bal-  
 de te porás tu na presença da luz increada  
 com hum coração inchado, pella estimaçãõ  
 de ti mesma, para encender em teu peito o  
 fogo da Divina caridade, pois ella tem repug-  
 nancia com a altivez; para accender esse di-  
 tolo fogo, he necessario hum coração con-  
 trito, e humilhado, e que esteja bem per-  
 suadido da sua propria vileza, e da grandeza  
 Divina. Nem se requer a humildade sómen-  
 te para introduzir as virtudes nas nossas al-  
 mas, mas he necessaria tambem para as con-  
 servar. Quem ajunta as riquezas espirituaes  
 sem humildade, ajunta pó contra o vento,  
 diz são Gregorio; e assim como o final de  
 que hũa oliveira novamente posta começa  
 a lançar raizes, he, na opiniaõ dos lavrado-  
 res, o ver, que abate a rama, e as folhas; as-  
 sim tambem he grande final da perseveran-  
 ça nos bons propositos o verse, que elles se  
 tem estabelecido sobre a desconfiança nas  
 proprias forças; e como todos nós faltamos  
 em muitas cousas, *In multis offendimus om-*  
*nes,*

nes, ha outra grande utilidade na humildade, 3. 22  
 que he o supprir todos os nossos defeitos, e  
 recompensar todas as nossas perdas: *Sola vir-* Sermão  
*tus est humilitatis læsæ reparatio charitatis,* 3. in  
 diz São Bernardo. E não só recompensa o natal  
 perdido, mas nos livra da pena contrahida Dño  
 por nossas culpas, aplacandose logo o Se-  
 nhor á vista de hum peccador humilhado, e  
 trocândoo em hum justo, como fez com o  
 Publicano; e por isso acharás sempre na hu-  
 mildade aquella segurança, que em vão se  
 busca em outra parte, Aindaque caiaõ com  
 o maior impeto os raios lá do Ceo, nunca  
 penetraõ mais que cinco pés dentro da ter-  
 ra; e por mais que contra nos se escandeça  
 a Divina Justiça, e nos queira abrafar com  
 os seus raios, se nos mettermos no profundo  
 da nossa miseria, e no abyssmo do nosso nada,  
 não nos haõ de chegar a tocar todos os se-  
 us raios.

E se não bastaõ para nos persuadir a hu-  
 mildade tantas ventagens, que ella comfigo  
 traz, não bastará para nola persuadir a sua  
*necessidade*? He certo, que te queres salvar,  
 logo, se assim he, tambem has de querer ser  
 humilde. Vos, Senhor, diz o Real Profeta,  
 haveis de salvar os humildes, e humilhar os  
 soberbos: *Populum humilem salvum facies,* Psal.  
17. 22.

*Et oculos superborum humiliabis.* Não só he estreito o caminho do Ceo, como nolo ensina o Senhor, mas he tambem baixa a porta do mesmo Ceo, nem se pode entrar por ella com a cabeça alta, sem a abaixar. Se o Senhor pois te faz a graça de te communicar hum baixo conceito das tuas miserias, louva muito ao mesmo Senhor por isso, porque podes dizer com verdade, diz Santo Agostinho, que te tem descoberto os caminhos para a vida eterna: *Notas mihi fecisti vitas vite.* Pello que, assenta contigo, que aindaque possas entrar no Ceo sem o acompanhamento de outras virtudes, não podes sem a humildade, porque sem esta, até agora, nem dos homens, nem dos Anjos tem entrado hum só: *Nisi efficiamini, sicut parvuli, non intrabitis in regnum caelorum;* se vos não fizerdes pequenos, não haveis de entrar no reino do Ceo, diz o Senhor em termos bem claros: e até o demonio tem declarado algúas vezes, que não perdia a esperança de ganhar húa alma, pella ver sublime em santidade, confiando esse maldito, que a poderia induzir a que se ensoberbeceffe, principalmente na hora da morte, e precipitalla por esse meio no abyssmo, com o peso das riquezas, e dons, de que estava enriquecida.

Marc.  
10. 3.

ACTOS, COM QUE SE PODE  
exercitar a Humildade.

O Humildissimo São Francisco de Borja nos mostra o caminho para a praxe desta virtude, não só com o exemplo, mas tambem com hum livro seu, que deo á estampa, sendo ainda Duque, em o qual ensina a se humilharem a todo o genero de pessoas, principalmente Religiosos. Seguindo pois a tão boa guia, aprende a te humilhar *a respeito de Deos, a respeito do proximo, e a respeito de ti mesma.*

*A respeito de Deos*, portehás muitas vezes na sua Divina presença, e depois de haver levantado os olhos para a alteza incomprehenfivel da sua Magestade, desce até o profundo da tua miseria, e dize a ti mesma; se te tirasse Deos todo o bem, que te tem dado, e tudo o que he seu, que te havia de ficar, lenão hum abyssmo de nada, e de peccados? Esse abyssmo pois es tu em ti mesma, e como tal te debes tratar, porque tal es na verdade nos olhos de Deos, e tal he a estimação, que de ti faz a Sabedoria Divina.

Passa depois a admirar a bondade do Senhor, que escolheo collocar os seus dons em hum lugar tão hediondo, como tu es, e em  
hum

hum coração tão ingrato, como o teu, podendo empregallos tanto melhor em outras Irmaãs tuas, e em outras creaturas, que tirariaõ delles tanto mais fruto do que tu. E no meio desta confusão de ti mesma, despojate synceramente diante de Deos de todo o bem, que tens, assim natural, como sobrenatural, confessando, que não he teu, senão de Deos, e que nunca o mereceste antes de o teres, nem o podes conservar depois de o haveres recebido da sua liberal mão. Pede depois perdaõ ao Senhor de haveres attribuido a ti tantas vezes a gloria, que só a elle he era devida, e declarando, que tens sido usurpadora da sua honra, fazelhe della hũa solemne restituição. Confessa tambem synceramente, que não só es inutil para todo o bem, e desmerecedora da sua ajuda, e providencia, mas que es digna de todo o mal, de toda a infamia, de toda a perseguição, e de toda a miseria, e que se todos conhecessẽm a tua maldade, como a conhece o Senhor, fugiriaõ de ti, como de hum cadaver hediondo, que com a sua podridaõ tudo inficiona, e com o seu fodor empesta a quem para elle se chega. Finalmente, porque esta mesma confusão deve produzir em ti hũa grande confiança naquelle Senhor, que enriquece

voluntariamente aos pobres, que de todo se tem sujeitado á sua grandeza, passa a pedir-lhe a sua ajuda para todas as tuas necessidades, e não tenhas receio, de que nisto te haja de faltar: *Subditus esto Domino, & ora eum, & ipse*

Psal.  
36. 5.  
& 6.

*faciet*, nos assegura o Profeta. *A respeito do proximo*, he bem que consideres, que assim como he propria condicão da soberba o ver em si sómente o bem, e nos outros reparar só nos defeitos, assim he proprio da humildade o considerar no proximo o bem, que Deos lhe tem dado, e em si só o mal, que o homem tem de si mesmo. Daqui nasce, que o humilde nunca despreza a pessoa algũa, ainda que pareça desprezivel, ou por falta de bondade, ou de talentos naturaes, senão que no interior do seu coração reputa a cada hum por superior a elle, e lhe mostra exteriormente a honra, que merece, conforme a sua graduacão. E neste modo de comparar os proprios demeritos com os merecimentos, que vê nos proximos, he que está fundada aquella notavel expressão, que tem sahido tantas vezes da boca dos maiores santos, e he dizerem, que elles são os maiores peccadores do mundo. Assim o publicou principalmente hum São Paulo, assim dizia hum S. Francisco, e húa Santa Catharina

na de Sena, e geralmente, quanto mais se tem adiantado os Santos na perfeição, tanto mais se tem esmerado nesta humilde persuasão. E a razão disto, em primeiro lugar, era a que acabamos de apontar, e vem a ser, que entendendo os Santos, que deviaõ ser juizes de si mesmos, e não do proximo, portavaõ-se comfigo mesmos como juizes, condenando-se com rigor, pello mal, que em si viaõ claramente; e, a respeito do proximo, se portavaõ como húa mãi, que escusa qualquer defeito em seu filho, e não sabe considerar nelle, senão o bem. E alem disto, assim como quem tem muito que fazer em sua propria casa, pouco, ou nada sabe da alheia; assim os Santos, occupados continuamente em considerar nas suas culpas, pouco, ou nada attendiaõ ás alheias; e ainda aquellas, que sabiaõ, sem procurar noticia dellas, ou as desculpavaõ, ou as diminuiaõ, ou as attribuaõ a inadvertencia, ou á força da paixãõ, ou tentaçãõ. Tambem os Santos, não só comparavaõ os seus defeitos com o bem, que descobriaõ no proximo, mas faziaõ tambem essa comparaçãõ com respeito ás graças, e beneficios, que tinhaõ recebido de Deos. Se hum salteador de caminhos, dizia o humilde São Francisco, houvera re-

cebi.

cebido de Deos as illustrações, e favores, que Deos me tem conferido com tanta liberalidade, seria hum Serafim no amor, sendo que eu, tendoos recebido, ainda ando rasteiro pella terra, como hum vil bichinho. Finalmente, o que mais que tudo causava nos Santos estes humildes sentimentos, era o penetrarê bem a malicia do peccado, e ficarê de todo inteirados do grande mal, que em si encerra o mais minimo acto contra a Divina vontade; e assim como hũ, que ficou aflombrado, julga, que não ha mundo quem esteja mais enfermo, que elle, assim os Santos feridos no coração de hum summo pesar de haver offendido a Suprema Magestade do Senhor, a quem tanto amaõ, julgaõ, que não ha no mundo culpado semelhante a elles. Nem ha nisto mentira, porque, devendo cada hum detestar mais hũa culpa leve em si mesmo, que hum peccado gravissimo em outros, segue-se na praxe, que quem costuma pesar os seus peccados com este peso justo, adquire habito de se reputar por maior peccador, que todos os demais, e de se pôr interiormente aos pés de todos.

Mas a respeito de si proprio, he amplissima a esfera da humildade, tanto em evitar o mal da soberba, como em procurar o bem, que



2.  
Cor.  
3. 12.

traz comfigo a virtude de humildade. O mal da soberba nos pensamentos, e dezejos se evita, fugindo, e reprimindo a interior complacencia, e estimação propria, que causão em nós os dons da Graça, que nos tem concedido o Senhor com tanto amor: *Nos autem non spiritum hujus mundi accepimus, sed spiritum, qui ex Deo est, ut sciamus, quæ à Deo donata sunt nobis*: não recebemos o espirito deste mundo, mas o espirito de Deos, para sabermos quaes são os dons, que o Senhor nos tem dado; por outra parte esses mesmos bens não se nos deraõ para gloria nossa, mas para gloria de quem nolos communicou; alem de nós os podermos perder em cada momento, e ficar totalmente privados delles; e quando o Senhor nolos conserve, elles em comparação dos immensos bens, de que goza Deos, como oceano de toda a perfeição, sempre são bens de nada. O que supposto, húa alma humilde, e illustrada com a luz da verdade, em lugar de se comprazer com vaidade das suas riquezas, teme mais que nunca os seus inimigos, como húa nao mais rica receia mais o encontrar com os costarios; e alem disso olha para essa mesma sua abundancia, como para hum favor, e emprestimo, que Deos lhe faz, e está com maior cuidado

na conta, que lhe ha de dar; e assim foge o coração humilde dos louvores; e os teme, como a hum vento pestilente; e, quando o louvaõ, tem logo para si, como costumava dizer a Beata Catharina de Genova, que se não falla delle, mas dos dons, que nelle depositára o Senhor. E na verdade, que isto de desprezar os louvores tanto como os viti- perios, he ser hum verdadeiramente grande; pois quando se vio a Aguia ir á caça de mol- cas? *Sicut Angelus Dei, sic est Dominus meus Rex, ut nec benedictione, nec maledictione moveatur*; fois, como Anjo de Deos, dizia a mu- lher de Thecua ao Rei David, porque vos não dá abalo; nem a bençaõ, nem a maldi- çaõ, que vos lançaõ. Quanto finalmente ás obras, o cuidado principal de hum humilde he fugir dos postos honrosos, e das preemi- nencias, especialmente quando são secula- res, ou porque se julga indigno dellas, ou por entender, que não he bastante o seu ta- lento para occupar hum posto taõ elevado.

Em quanto á outra parte de procurar o bem da virtude da humildade, e não só fu- gir o mal da soberba, quem he de veras hu- milde de coração, em todas as occasiões se julga indigno do bem, que possui, e do que ainda não tem; indigno, quando se poem em

oração, de estar na presença de Deos, e de louvar ao Senhor; indigno, quando frequenta os Sacramentos, de chegar a elles; indigno, quando o consola o Senhor, de ser consolado; indigno, quando o Senhor o afflige, de se parecer nisso com os Santos; indigno da companhia dos bons; indigno da comida, com que se sustenta, do descanso, que toma, da saúde, que logra, e do serviço, que lhe fazem as creaturas; affentando comfigo, que tudo o que não he inferno, e separação eterna do Summo Bem, he menor pena do que elle merece. Isto, quanto aos pensamentos do verdadeiro humilde; e quanto ás suas palavras; elle se abstem com grande cuidado de se louvar, e tambem não falla facilmente de si, nem ainda vituperandose, para que esse modo de fallar não sirva de occasião de attrahir a si a honra, e a estimação dos outros; quando porém se resolve a manifestar os proprios defeitos, o faz com animo de que os tenha por verdadeiros quem o ouve. E quanto ás obras; elle abraça com prudencia todas as occasiões de exercitar a humildade, escolhendo os officios mais baixos, o vestido mais desprezivel, o posto menos honroso, e o emprego, de que os outros mais fogem; e tudo isto faz para satisfazer ao interior con-

nhe-

nhecimento, que de si tem, pello qual se julga incapaz de todo o bem; e he tanto mais pequeno nos proprios olhos, quanto he maior no Divino acatamento, assim como as Estrellas, que quanto mais altas estaõ, tanto mais pequenas parecem á nossa vista, ainda que em si sejaõ verdadeiramente de hũa grandeza desmedida. Este o debuxo de hũa alma humilde; que, exercitando se generosamente nos referidos actos, chega finalmente a hum ponto tal, que naõ só tolera com paciencia as injurias, e desprezos; mas os anhe-la com maior ancia, do que os ambiciosos aspiraõ ás honras, tudo a fim de imitar aquelle Senhor, que deo á humildade o especioso titulo de virtude propria sua, e aos Santos Apostolos, que se julgavaõ honrosamente condecorados, quando padeciaõ as contumelias, que por causa do seu Divino Mestre se lhes faziaõ: *Ibant gaudentes à conspectu concilii, quoniam digni habiti sunt pro nomine JESU contumeliam pati.*

A&:  
5. 415



## LIÇÃO ESPIRITUAL.

Para o quinto dia dos Exercícios.

## SOBRE A VIRTUDE DA POBREZA.

**A** Vida particular, e tambem a publica, as familias, os povos, e os reinos, a guerra, e a paz, e em hũa palavra, todos os negocios mundanos, se estribaõ nas riquezas, ás quaes com justa razãõ deo o nome de substancia deste mundo o Apostolo S. Joãõ: *Qui habuerit substantiam hujus mundi;* como que não podesse o mundo subsistir sem ellas. Donde nasce, que a pobreza tem sido sempre tão abominada pella gente mundana, que os Poetas tomaraõ a liberdade de a collocar as portas do inferno, como se fora hũa furia infernal. Seja porém o que for a pobreza forçada, certamente não he assim a Pobreza Religiosa. Antes, pello contrario, ella he a substancia das Religioes, o fundamento da perfeiçãõ, hum thesouro escondido, e finalmente a que nos dá nesta vida hum padraõ de dominio do reino dos Ceos, cujas portas nos abre, depois da morte, e nos mette de posse da bemaventurança

para sempre jámais. Desta pois, nobilissima, e, entre as demais, riquissima virtude, pretendo, oh alma religiosa, informarte hoje, assim no que toca á doutrina especulativa, como no que toca á praxe della.

Que cousa pois he a virtude da santa Pobreza? Ella he, fallando em geral, húa virtude, que conduz ao homem a hum desprezo cordial das riquezas, e bens temporaes, e transitorios, como vis, e de nenhum valor, a respeito dos bens sobrenaturaes, e eternos. He este desprezo de summo merecimento, porque, se os homens mundanos olhaõ para as riquezas, como para hum bem universal, que lhes pode facilitar o alcance de qualquer bem, segue-se, que quem faz pouco caso das riquezas, por motivo de virtude, vem juntamente a desprezar todó o bem, que nos pode dar o mundo. Tambem esta virtude da pobreza considerada da maneira, que explicado fica, he necessaria á todo o Christaõ, para se haver de salvar, de tal sorte, que deve estar determinado, e firmemente resolutto a nunca consentir em peccado algum mortal, nem em ordem a augmentar os bens temporaes, nem por receio de os perder. E neste sentido he, que se verifica o estarem os ricos excluidos do reino do Ceo; isto he, quando

do estaõ taõ pegados a seus bens, que ou na affecto, ou de feito os antepoem á observancia da Lei de Deos; donde lhes vem a succeder como á Aguia, quando pesca, que por naõ largar hum peixe, que naõ pode levar ao ar, se deixa ir ao fundo, presa da mesma presa, que fez. Este porẽm he o primeiro grado da Pobreza, que he commum, e necessario a todos os Fieis, sobre o qual realça muito a Pobreza Religiosa, porque esta, naõ só despreza os bens caducos, que se chamaõ da fortuna; mas os deixa, e se priva delles; nem só se priva delles, deixando os que já possuia, mas ainda se priva do desejo de os possuir para o futuro, e se faz incapaz de adquirir em tempo algum dominio, ou propriedade em tal genero de bens; estabelecendo tudo isto com hum voto solememente ofrecido ao Senhor, a fim de se poder encaminhar a Deos mais expeditamente, tirando todos aquelles impedimentos que trazem consigo as riquezas, assim como o Veado corre mais ligeiro á fonte, depois de depor o peso de suas grandes pontas, quebrandoas. O que supposto, quem naõ vê quaes sejaõ os thesouros Celestiaes, que vai amontoando hũa pessoa Religiosa? pois, se o Espirito Santo affirma obrar cousas maravilhosas em

em sua vida quem não deixa pegar o seu coração aos bens temporaes, que possue: *Qui post aurum non abiit; fecit . . . mirabilia in vita sua*, facilmente puedes inferir, quanto maior prodigio de virtude será, o pisar essas mesmas riquezas com o coração, e, o que mais he, com o affecto, despojandose dellas, e fazendose incapaz de nunca as possuir, como proprias, cá na terra, por dar gosto áquelle Senhor, que, sendo a plenitude de todos os bens, se fez pobre por nosso amor: *Propter vos egenus factus est, cum esset dives.*

Basta dizer, que este despego interior, e exterior dos bens caducos, he hũa virtude tão perfeita, que quasi ninguem a conheceo antes da vinda do Salvador ao mundo; e assim, exceptos alguns dos Profetas, os maiores amigos, que teve Deos na Lei antiga, pose-raõ o seu cuidado em possuir virtuosamente as suas fazendas, e não em se privarem dellas; e Deos, accomodandose á rudeza do seu povo escolhido, lhe promettia expressamente, em premio, a abundancia dos bens temporaes, como se costuma fazer com hum menino, a quem se anima a cumprir com a sua obrigação com a promessa de hũa machã. Tanto porém, que chegou a plenitude dos tempos, e se fundou a Igreja santa,

Eccli.  
31. 8.  
& 9.

2. Cor.  
8. 9.



communicou logo o Senhor este espirito de pobreza aos primeiros Fieis, de sorte, que se cre, que os Apostolos fizerao voto della, e que a seu exemplo o fizerao tambem os que se baptizavao; e em virtude desse voto punhaõ todos os bens em commum, desappropriandose delles, e levando aos pés dos Apostolos o preço, por que os tinhaõ vendido, para que o distribuisssem tambem em commum. E todos os Santos á vista deste exemplo, fizerao sempre hum summo apreço deste desapego, e deste voto de pobreza, affinalandose nisso, entre todos, os Fundadores das Familias Religiosas. São Francisco de Assis, como diz São Boaventura, fallava sempre com ternura da Santa pobreza, chamandolhe hũas vezes, esposa sua, outras vezes, mãi, outras vezes, senhora, e rainha sua; affirmando, que tinha enveja aos mendigos, que via mais pobres, e mais nũs, que elle; e quando algum grande Senhor o convidava a comer, costumava ir primeiro pedir alguns pedaços de paõ de esmola, os quaes punha depois sobre a mesa, para mostrar, que sem o saynète da santa pobreza, qualquer outro comer lhe era desabrido. E semelhante affeição a esta santa virtude mostraraõ nas suas regras, nos seus Institutos, e

nas

nas suas vidas os Fundadores dos Monges, assim no Oriente, como no Occidente; e em quanto durou nas Communidades Sagradas este espirito, perseverou tambem o seu primeiro fervor; e por esta razão chama o grande Patriarca Santo Ignacio muro forte da Religião á Santa Pobreza; porque os primeiros assaltos do inferno, e as tuas primeiras maquinas, se assentaõ, e encaminhaõ a lançar por terra a esta muralha; nem as defordens, que pello discurso do tempo se introduzem nos sagrados Claustros, entraraõ por outra parte, tenaõ pellas brechas, que se abriãõ neste muro.

**MEIOS PARA ALCANÇAR**  
*a virtude da Pobreza.*

O Dezejo, e a cobiça de adquirir, e possuir os bens terrenos saõ, como afirma São Paulo, a raiz de todos os males: *Radix . . . omnium malorum est cupiditas*; donde vem, que, á maneira de raiz, se arraigue tanto, e profunde no nosso coração, de sorte, que não he pequena empresa o arrancar de todo essa cobiça, e plantar em seu lugar hum santo amor da Pobreza Religiosa, e das incommodidades, que a acompanhaõ. Pello  
que,

12  
Tim.  
6. 104

Prov.  
30. 8.

que, he necessaria grande ajuda do Senhor para acabar hũa obra taõ difficultosa; e para conseguir semelhante auxilio he preciso, que o peçamos com continua, e fervorosa oração. Lá pedia a Deos o Sabio, que o não fizesse nem pobre, nem rico; *Mendicitatem, & divitias, ne dederis mihi;* mas essa petição era conforme a imperfeição daquelles tempos antigos, de que assima fallámos. Tu porém has de pedir ao Senhor com muita alegria, que te faça pobre, e que te tire todo o amor ás cousas temporaes, elevando o teu coração a hum tal despego de tudo o que he mundano, que fiques superior a todo o creado, para te avishnares cada dia mais ao teu Deos; como succede á Lua, que quanto mais diminuta está de resplandores, tanto mais perto está do seu Sol. E esta oração será o primeiro meio para alcançar a virtude da pobreza.

O outro meio será, o trazer frequentemente a consideração em JESU Christo crucificado, e nelle, como em livro de vida, comprehender bem estes dous pontos. O *Exemplo*, que nos deo esse Senhor, de pobreza, e o *Premio*, que tem promettido aos verdadeiros pobres de espirito.

E principiando pello *Exemplo*, que exemplos

plôs mais proveitosos podia dezejar hũa alma, para se afeiçoar a esta virtude, que os que JESU Christo nos deo no seu nascimento, na sua vida, e na sua morte. No presepe, em que elle nasceo, vê se se pode achar ou maior carencia do superfluo, ou maior falta do necessario: na vida, que levou até a dar por nós em hũa Cruz, não só se sustentou com o pobre trabalho das suas mãos, mas nos tres annos, que gastou em prégar, se sustentou só de esmolas, e chegou a poder dizer, que as rapozas tinhaõ suas covas, e os passaros do ar os seus ninhos, porém, que o Senhor do Universo não tinha reservado para si, como proprio, tanto lugar, quanto fosse bastante para reclinar a sua Divina cabeça. No Calvario tambem deo finalmente as ultimas demonstraçoẽs da pobreza mais exacta, morrendo nũ, e sem alivio algum, vendo com seus mesmos olhos passar a outros possuidores o que lhe ficava dos seus vestidos. Que pobreza pois, se pode nunca assemelhar com a de JESU Christo? Nos outros, em nos fazer pobres por seu amor, nos privamos de só hũa pequena parte desta terra, e Christo deixou por amor de nós a terra, e o Ceo; e não podendo renunciar o Dominio soberano, e Divino, que tem sobre

todas as cousas, renunciou o dominio temporal, e humano, não reservando para si, senão a posse do nosso coração, o qual nos pede, para nos enriquecer com os thesouros Celestiaes. E em quanto ao affecto interior a respeito deste despego, e desnudez exterior, que vem a ser como a alma da santa pobreza, quem haverá, que se possa comparar com Christo? Fez este Senhor hum apreço mui alto da pobreza, e a tomou por hum dos seus titulos mais gloriosos, dizendo de si pelo Profeta, que era pobre, e mendigo, *Ego autem mendicus sum, & pauper;* tomou por seus amigos aos pobres, e lhes diz muitas vezes na Divina Escritura, que he delles o refugio, a esperança, a consolação, a herança, e a gloria; e que, se dos mais tem providencia, dos pobres tem especial cuidado; e se ouve as supplicas dos demais, até os desejos dos pobres ouve, não esperando, que elles lhe peçaõ o de que necessitaõ. Quiz este Senhor, que se collocassem na pobreza as mais copiosas riquezas da sua Graça; e escondeo nella as delicias mais suaves, e solidas dos seus servos; escolheo a pobreza, para disposição, em ordem a communicar aos pobres, com preferencia aos demais, os Mysterios da sua vinda ao mundo, como fez aos Pastores

psal.  
89.18.

res; e tambem quiz, que a mesma pobreza fosse a disposiçãõ para a eleiçãõ dos primeiros Prégadores dos mesmos Mysterios, quaes foraõ os Apostolos. Considera pois com attençaõ estas verdades, e pasma de ti mesma, se confessando por verdadeiras estas cousas, que te ensina a Fé, antepoês depois disso á honra, e aos thesouros da santa virtude da pobreza o miseravel apego, e a pouca commodidade, que te pode provir de não seres inteiramente pobre, por amor de JESU Christo, como prometteste de ser, na tua Profissãõ. Valet do argumento de São Bernardo: *Aut Christus fallitur, aut mundus errat*: ou Christo se engana, escolhendo para si a maior desnudez, e despego dos bens temporaes; ou tu te enganas na demasiada cobiça, que tens de amontoar, possuir, conservar, e prover para ao diante, temendo a pobreza, como hum grande mal, não só, quando de presente a experimentas, mas ainda, quando só de longe se deixa ver com incommodidades imaginarias.

Alem de que, se o exemplo de JESU Christo, e a estimaçãõ, que elle fez da Santa pobreza, não bastar para tu fazeres della a devida estimaçãõ, bastará certamente, conforme eu entendo, o *Premio*, que o mesmo Senhor

Sermão  
3. de  
Nat.  
Dñi;

nhor tem prometido aos que exercitarem esta virtude, a que corresponde hũa remuneraçãõ triplicada; que vem a ser, cento por hum nesta vida; o poder de julgar no dia do juizo; e hum thesouro eterno, que alcançaõ os verdadeiros pobres na posse do Cão, cumprindo assim o Senhor com a promessa, que fez no Evangelho de tres maneiras de retri-  
 buiçãõ, que nelle expressou: *Mensuram bonam, & confertam, & coagitatam, & superfluentem dabunt in sinum vestrum*: de sorte, que a medida boa, *Bonam*, he a que se dá aos pobres de elpirito ainda nesta vida; a acogulada, *Et confertam*, he a que se dá, aos melmos no fim do mundo; e a medida, que tras a borda por todas as partes, *Et superfluentem*, he a que se lhes dá na eternidade.

Luc.  
6. 38.

E em quanto ao cento por hum nesta vida, consiste primeiramente, em recompensar Deos os bens temporaes, que se deixãõ por seu amor, com abundancia dos bens espirituaes, da Graça, das consolações celestiaes, da paz interior do coraçãõ, das virtudes, e do Amor Divino: Bens, todos imensamente mais estimaveis, que quanto nos pode dar a natureza. E alem disso, neste cento por hum se incluem tambem os bens necessarios, e convenientes para o susten-

tento da nossa vida, empenhando o Senhor a Providencia do seu Padre Celestial, e a Caridade dos seus Fieis, para nos dar, quanto pareça ao mesmo Senhor necessario para a nossa salvação, e perfeição.

A segunda medida bem acogullada de remuneração se ha de dar no fim dos tempos a todos os pobres voluntarios, que houverem deixado todas as cousas por amor do Senhor; pois elles haõ de ser Assesores do Supremo Juiz no Juizo Universal, e confirmação com elle a sentença, e exporção, com publica, e legitima declaração, o bem, e o mal, que se ha de decretar para sempre, aos Escolhidos por premio, e aos Reprobos por castigo. Tres conveniencias, ou razões, aponta Santo Thomas, pellas quaes tem concedido o Salvador este genero de premio, de julgar o Mundo juntamente com elle, aos pobres de espirito.

A primeira razão, ou conveniencia, porque os pobres voluntarios haõ de ser escolhidos por Juizes juntamente com o Supremo Juiz, he, porque havendo elles feito nesta vida hum juizo tão recto dos bens da terra, e desprezado os bens temporaes, mostraraõ, que no julgar se não apartaraõ da rectidão por motivo algum terreno.



A segunda razão, ou conveniencia, he a do merecimento; porque havendose os pobres de espirito humilhado por amor de Christo; até abraçar a cousa mais desprezível do mundo, qual he a pobreza, merecem, que o Senhor os exalte á excellente honra de julgar a todos os demais homens.

A terceira razão, ou conveniencia, he a disposição, em que se achão os pobres voluntarios para occupar o posto de Juizes Assesores: porque a pobreza voluntaria, despiando o coração de todos os affectos terrenos, prepara a alma para ser instruida nas Verdades Divinas; e por conseguinte lhe dá direito de manifestar, e publicar aos demais os decretos de JESU Christo. Donde se vê, que não podia o Redemptor fazer maior honra aos seus pobres, que a de serem Juizes juntamente com elle. Aparecerão os ricos do mundo, todos cheios de temor, no tribunal daquelles Religiosos miseraveis, que forão o objecto das tuas mofas. Aparecerá Neraão, e o levarão de rastos da sua cala de ouro, diante do Tribunal de Pedro, aquelle descalço, aquelle pobre mendigo, aquelle, á quem, como a vil escravo, fez crucificar sobre hum outeiro. Nem só haõ de ser julgados pellos pobres de espirito os ricos

cos malvados, e reprobos, mas até os mesmos Justos, que tiverem usado de misericórdia com os pobres, e distribuido virtuosamente as suas fazendas, mas sem as deixar por amor de Christo, se bem haõ de receber o premio da Gloria, como misericordiosos, naõ haõ de gozar do premio particular de Juizes Celestiaes, antes haõ de ser julgados pellos pobres voluntarios, que no ultimo dia haõ de ser os Juizes, que intimaráõ com auctoridade legitima, naõ so a sentença de condemnação aos reprobos, mas tambem a de eterna gloria aos Justos, como fica ditto. Vê pois de quanta honra, e de que premios se privaõ os Religiosos imperfeitos, que buscaõ toda a sua commodidade na habitação, na vida, na comida, e no vestido; que perturbãõ a casa com as suas queixas; e que que-riaõ, se podessem, ajuntar a honra da pobreza Evangelica com os espinhos das riquezas terrenas. Naõ basta haver professado a pobreza, para exercitar esta alta dignidade da potencia judiciaria no ultimo dia, mas he necessario havella exercitado com perfeição:

*Dominus ad iudicium veniet cum senioribus populi,* ha de vir o Senhor a julgar com os Anciaõs do povo, diz Isaias; isto he, como explica Santo Agostinho, *Qui voluerunt esse,*

se, & vere fuerunt perfecti, com os perfectos, e com os que, cumprindo a promessa, que fizeraõ a Christo, de viver pobres por seu amor, mereceraõ que Christo cumprisse tambem a sua promessa de tomallos por companheiros seus no julgar.

○ Mas todos estes premios, que temos proposto, seriaõ pequenos, se faltasse a medida superabundante do premio eterno no Ceo. Mas este o tem taõ seguro os pobres de espirito, que naõ disse Christo, que delles havia de ser o reino do Ceo; *Ipsorum erit regnum Cælorum*; senaõ, que o era ja de presente: *Ipsorum est regnum Cælorum*: porque, posto que ainda naõ tomaraõ posse d'elle, tem ja feito a compra, desembolsado o preço, e adquirido o dominio. Donde se vê com quanta razãõ escrevia Saõ Jeronymo ao seu Pammachio, *Parva dimisimus, & grandia possidemus*: deixámos pouco, e possuimos muito. Todos nascemos pobres, e pobres morremos todos tambem; e com tudo isso, se escolhermos viver pobres, effes poucos instantes, que ha entre o nosso nascer, e morrer, se nos haõ de recompensar com hum premio taõ excellente, no tempo, e na eternidade. E poderá por ventura o nosso coraçãõ, que dezeja com tanta ancia possuir,

recu-

cusar de comprar por hum preço tão vil, qual he a renuncia dos bens caducos, hum thesouro tão immenso, qual he o mesmo Deos?

*ACTOS, COM QUE SE EXER-  
cita a Virtude da Pobreza Re-  
ligiosa.*

**C** Omprehende a virtude da Pobreza; como ditto fica; duas cousas; o renunciar voluntariamente, e com effeito os bens terreños, e o despegar o affecto dos mesmos bens; donde se segue, que a sua praxe se ha de exercitar com duas especies de actos, exteriores, e interiores. Comecemos pellos exteriores, que são como o corpo desta nobre virtude.

Exercitase pois, *em primeiro lugar*, a Pobreza exteriormente, *observando a substancia do voto promettido*. He porém preciso, que fiques desde aqui entendendo a obrigação, que tens tomado sobre ti, pello voto, que fizeste; e vem a ser, que tens promettido solemnemente ao Senhor hum despego tal de todos os bens temporaes, que te incapacitaste para sempre de ter nelles dominio, ou propriedade. Por tanto, tudo aquillo, de

que te ferves, o vestido, a cella, os moveis, o valor do teu trabalho, e quanto te daõ os parentes, e conhecidos, não pode ser teu, mas todo o dominio d'elle está sempre no Mosteiro; e tu de todas essas cousas não podes ter mais, que o uso, dependente sempre da licença dos Superiores. E isto he de todo certo entre os Doutores: e assim, o receber algũa cousa temporal, para dispor della á tua vontade, o dar, o emprestar, e vender, sem licença dos Superiores, ou géral, ou particular, ou tacita, ou expressa, he como se aquillo se furtasse; e ainda he peor, que o furto, porque, se a materia he grave, será a tal acção sacrilegio contra o voto. São Luis Gonzaga não quiz nem ainda emprestar hũa folha de papel a hum companheiro seu, sem primeiro pedir licença ao Superior; e para melhor exercitar a pobreza, e a obediencia, não queria hũa licença geral, senão que a pedia todas as vezes, que lhe era necessaria. E tu, ja que não podes imitar a hum tão grande Santo, por não chegar a grao tão sublime a tua perfeição, pede ao menos hũa licença geral para dar, receber, ou emprestar cousas de pouco entidade, e valor. E tambem, para cumprir nessa parte com a tua obrigação, farás igual caso das cousas com-  
muns

múas do Mosteiro, que o que fazes das cousas, que te estaõ concedidas para o teu uso; porque o fazer differença na conservaçaõ de húas, e outras, mostraria o apegõ, que tens ás cousas do teu uso, e que as possues, como tuas; quando na verdade não são tuas, nem se te concedeo pellos Superiores mais, que o seu uso.

Refere Cassiano, que passando o Procurador de hum daquelles Santos Mosteiros antigos pella cozinha, vio no chaõ tres graõs de lentilhas, que tinhaõ cahido ao Cozinheiro, e deo conta disso ao Abbade, o qual reprehendeo, e penitenciou ao ditto Cozinheiro, como a negligente em tratar as cousas do Mosteiro, isto he, o patrimonio presado do Senhor. No demais, não se pode facilmente explicar o rigor, com que eraõ castigados, durante o primitivo fervor das Religioes, os Proprietarios, que faltavaõ, ainda levemente, na observancia do voto. Reginaldo, Prior do Convento de São Domingos de Bolonha, havendo sabido, que hum Leigo tinha tomado, sem licença, hum pedaço de estamemha para remendar o habito, o chamou a Capitulo diante de todos os Religiosos, e o reprehendeo, e penitenciou, como Ladraõ, e mandou queimar no mesmo

lugar aquelle pedaço de tunica, que tinha tomado o miseravel. E se a materia, de que se appropriavaõ, sem a devida licença, era mais notavel, era tambem mais notavel o castigo; porque depois de morrer, se desenterrava o cadaver do delinquente, e se sepultava em hum monturo, como mandou fazer o Beato Alberto magno; e a roupa, que se lhes achava, ou se sepultava onde o corpo, como mandou fazer São Macario, e São Gregorio; ou se queimava, dizendo em alta voz, a tua roupa, e o teu dinheiro seja contigo para perdição, como se lê nas Chronicas de São Jeronymo. E que approvasse o Senhor semelhante severidade, he muito notorio, pois consta de varias Historias. Nas da sagrada Ordem dos Capuchinhos se refere, que havendo hum Religioso appropriado a si hum Breviario, appareceo o demónio em habito de Monge, vestido de negro, e se queixou ao Guardiaõ daquelle furto: ajuntou o Guardiaõ a Comunidade para se averiguar o caso, e o espirito maligno lançou os olhos sobre o ladraõ, e tomando a sua propria figura de demonio, levou o Frade pellos ares, a quem cahio neste acto o Breviario da manga, com o que se fez patente a causa de hum castigo tão espantoso.

Seria

Seria porém pequeno louvor para ti, se te contentasses só com não ser sacrilega, e com não quebrar o teu voto: além disso he necessario passar ao *segundo grau* da pobreza de espirito, *privandote voluntariamente de tudo o que he superfluo*; isto he, do que não serve, ou para a necessidade, ou para a caridade. Costumava Santa Theresa dar volta algúas vezes á sua Cella, para observar, se havia nella algúa cousa, de que se podesse desfazer, e logo a tirava para fora. Como porém se não pode praticar a pobreza em todos os Institutos pello mesmo modo, repara nas pessoas, que no teu Mosteiro viverem com maior perfeição, e procura imitar a ellas na pobreza do vestido, da cella, e de outras cousas. Por tanto, aquillo só podes julgar por superfluo, de que não usão as almas mais perfeitas, e de consciencia mais ajustada, que habitão contigo no mesmo Mosteiro. Nem te deixes enganar com o pretexto de que conservas o que tens com licença dos Superiores; porque, não sendo justa essa licença, não te vale, como por exemplo, o dar a outrem mais do que convem a hũa pessoa Religiosa; e se a licença he justa, só te livra da culpa, mas não te concede o premio prometido aos pobres de espirito.



O *ultimo grao* da pobreza de espirito exterior, he não só o privar-se hum das cousas superfluas, mas o *sofrer algũa vez algũa falta nas cousas necessarias*; porque de outra sorte, que casta de pobres são, diz São Bernardo, os que não querem, que lhes falte cousa nenhũa, e alborotaõ a casa, quando não ficão inteiramente providos de tudo? isso he querer a honra da pobreza, e a commodidade das riquezas; e de hũa riqueza tal, que muitas vezes se não acha no seculo, onde ainda aos mais ricos lhes faltaõ não poucas vezes muitas cousas, que elles julgaõ necessarias para o seu estado. Sobre tudo terás occasião de exercitar esta pobreza no tempo da doença, na qual só o tedio, que te causar o teu mal, basterá para te persuadires, que te não acode o Mosteiro com o que necessitas, e que se esquecem de ti as Officiaes, e tal vez isso não he verdade, mas tu es quem se esquece de que es hũa pobre Religiosa, que foi chamada á Religiaõ, para aprender a morrer por Christo, e não para ser bem tratada por seu amor.

Estes são os tres graos da pobreza de espirito, que devem apparecer no exterior; mas não serãõ perfeitos, se não forem animados por outros tres actos interiores, que consistem

listem em aceitar as occasiões de exercitar a pobreza com *alegria*, com *acção de graças*, e com *admiração*. Se a pobreza, que praticamos, não he húa mendiguez miseravel, mas húa virtude tão excelsa, como temos mostrado, e hum acto de Religião, por razão do voto, bem mostra quem a exercita por força, que não conhece a sua estimação. Os verdadeiros pobres de espirito quererão, se fosse possível, estar no mundo, como está húa bola sobre hum plano, tocádoo só em hum ponto; nem se pode imaginar, que se hajaão de entristecer, vendose despojados daquillo, que elles julgaão lhes serve de impedimento, para seguirem, e se unirem com o seu Redemptor. Antes nestas occasiões daão muitas graças a Deos do intimo do coração de os admittir á participação de húa virtude tão amada de JESU Christo, como he a santa pobreza, a qual sempre o acompanhou, desde que principiou a vida na Lapi-nha de Belem, até que a acabou no Calvario: e assim lhes parece, que são elevados a húa dignidade superior a todo o creado, e ficaão admirados de se verem vestidos com a libré do seu Senhor, tendose por totalmente indignos de a trazerem.

Hum grande exemplo desta verdade, e de  
stes

stes affectos, tão pouco conhecidos pello mundanos, nos deo Santa Isabel, filha de André Rei de Hungria, e esposa do Landgrave de Turingia. Ficou viuva na idade de perto de vinte annos, e apenas lhe morreu o marido, quando se sublevou o Povo contra ella, e foi lançada com rubor fora do Palacio, e ainda de todos os seus Estados, e lhe foi preciso fugir de noite para escapar da furia dos seus vassallos amotinados, seguíndoa só algúas poucas criadas, que levavaõ nos braços aos filhinhos da Santa, que a acompanharãõ na sua pobreza, e desterro. Neste estado pois, desprezada dos seus parentes, desamparada dos seus criados, e escarnecida dos mesmos pobres, a quem tinha sustentado com tanta caridade, em quanto durou a sua grandeza, chegou, por grande favor, a se hospedar em hũa cavalheriça, com a incerteza, se ainda alli haviaõ de acabar, e ter fim os seus desamparos, e desgraças. Mas desamparos, e desgraças seriaõ para quem não tinha a fé de Santa Isabel: porque ella, achandose no estado, que referimos, se banhõ de hũa santa alegria, pasmada de haver chegado a hũa tal semelhança com a vida de Christo cá na terra, e de se ver tão rica no acatamento Divino; e

para corresponder a hum favor taõ grande, naõ confiando no proprio agradecimento. buscou ajuda para dar a Deos as graças, que ella julgava naõ podia só dar sufficientes; pello que, indo a hũa Igreja de São Francisco, pediu humildemente áquelles Santos Religiosos, que cantassem todos o *Te Deum* no Coro, em acção de graças ao Senhor por tanto bem, que delle recebia. Crível he, que os Anjos respondessem em outro coro a essas vozes, e affectos, que, quanto saõ contrarios á estimação, que fazem da santa pobreza os homens carnaes, tanto deviaõ ser familiares ás Pessoas Religiosas, que, havendo promettido a Deos com voto este despego dos bens temporaes, o deviaõ praticar na mesma forma, que a Santa, em honra daquele Divino Mestre, que começou a dar exemplo de pobreza, nascendo em hũa pobre lapinha, e que deo principio ao seu primeiro termo no monte com a pobreza, appellidando bemaventurados aos pobres voluntarios: *Beati pauperes spiritu.*

Mart.  
5. 3o



## LIÇÃO ESPIRITUAL,

Para o sexto dia dos Exercícios.

SOBRE A VIRTUDE DA  
Obediencia.

**M**uito he, que havendo sido destruido o mundo pella desobediencia de Adão, e restaurado pella obediencia de JESU Christo, se ache no mundo quem não esteja ainda bem persuadido do grande mal, que comsigo traz o seguir a propria vontade, e do grande bem, que se consegue em a sujeitar. Mas que seria, se se achasse esta ignorancia, não só nos Seculares, mas tambem nos Religiosos, que tem promettido a Deos com voto solemne essa sujeição? Para tirar húa tal desordem, será muito importante a presente Lição sobre a Obediencia, se della aprenderes a excellencia desta virtude, e o modo de a exercitar.

He pois a Obediencia húa virtude moral, pella qual se inclina a nossa vontade a executar o que se manda, por isso mesmo porque se manda. He proprio de todas as flores o viráremse para o Sol, e o abríremse para re-  
ce-

ceber o celeftial calor, que lhes dá a vida; mas entre todas, nenhũa se vira para o Sol com tanta conftancia, como a flor gigante, a qual o não perde de viſta, em quanto reſplandece no Ceo aquelle Planeta. E tambem todas as virtudes profeffão ſua dependencia da vontade do Senhor, e execução fielmente o que he do Divino agrado; com mais eſpecialidade porém ſe volta a obediencia para o ſol do Divino querer, pois nos faz promptos para executar tudo quanto o Senhor quer de nós, por iſſo meſmo, porque elle nolo manda; ou porque nolo mandão os Superiores, que eſtaõ no ſeu lugar, e delle tem authoridade. Ha pois duas eſpecies de Obediencia; hũa natural, e politica, que ſe pratica, quando ſe obedece ao Superior, como a homem, aſſim como a filha obedece á ſua mãi, o diſcipulo a ſeu meſtre, o criado a ſeu amo, e o vaſſallo a ſeu principe. A outra he eſpiritual, e religiosa, que tem a Deos por ſeu fim; porque por ella ſe obedece á vontade do Superior, por obedecer ultimadamente á de Deos, cujo Miniſtro he, e em cujo lugar eſtá, o Superior. Deſta ultima eſpecie de obediencia he, que ſe entendem aquellas amorofas palavras, pellas quaes declarou Chriſto no ſeu Evangelho, que publi-

Luc.  
10. 16.

blicava os seus oraculos por boca dos seus Ministros, e que sentiria, como proprios, os agravos, que a elles se fizessem : *Qui vos audit, me audit, & qui vos spernit, me spernit.*

2. 2. 9.  
240 R.  
3. ad  
2.

He tambem a obediencia, na opiniaõ de Santo Agostinho, e de Saõ Gregorio, Mãe de todas as virtudes; porque, como observa Santo Thomas, ella he o meio, com que todas se adquirem, e conservaõ, assim como a caridade he o fim de todas. Quem possui esta virtude, não olha para o Superior, como para homem, mas reconhece nelle a Pessoa de JESU Christo; exercitando no mesmo acto da Obediencia em parte a Fé, com que reconhece a Divina vontade; em parte a Esperança, confiando, que por este caminho he governado por especial providencia; e em parte a Caridade, amando o Divino beneplacito mais, que qualquer outra inclinação, ou affecto proprio. Em húa palavra, assim como as Esferas Celestes, quanto mais altas são, tanto menos tem de proprio movimento, e tanto mais se deixaõ governar pello impeto do primeiro movel; assim as almas santas, quanto mais santas são, e mais levantadas sobre a terra das paixões humanas, e da natureza, tanto menos tem de propria vontade, e tanto mais se deixaõ levar, por

por meio da obediencia, pello impeto do seu primeiro movel, que he a vontade de Deos. Accrescentandose porém a esta virtude taõ nobre, e taõ perfeita o voto, que fazem os Religiosos, quem poderá explicar quanto cresce a sua estimação? Alguns entendem, que as pedras preciosas naõ são outra cousa, senão o succo dos metaes endurecido; e em particular, que o diamante he o succo, que distilla do ouro. Que formoso diamante pois, será a obediencia, que se tem promettido a Deos com voto solemne? pois este ao ouro de todas as virtudes accrescenta a firmeza da immobilidade, pella promessa, que faz ao Senhor! De forte, que aindaque os Religiosos promettem tambem a Deos com voto a Pobreza, e a Castidade, todavia cedem muito estas duas pedras preciosas no valor ao do voto da Obediencia, como tambem observou Santo Thomas; e isso por muitas razões, mas especialmente por esta, porque pello voto da obediencia offerece o homem muito mais a Deos do q pellos outros dous; pois pella Pobreza offerece a fazenda; e o corpo pella Castidade; mas pella Obediencia offerece a sua vontade, o seu juizo, e a sua alma, e por conseguinte tudo quanto he, e tem.

2.2. q.  
186. q.  
8.



MEIOS PARA ALCANÇAR A  
Virtude da Obediencia.

Pfal.  
142.  
10.

O Primeiro ja se sabe, ha de ser o pedir a Deos, com grande instancia, e esta suprema virtude: *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu*, dizia o Santo Rei David; como se dissesse: vós, Senhor, por vossa infinita perfeição, tendes sobre o meu querer hũa razão infinita, para eu haver de seguir em tudo, e por tudo o vosso Divino beneplacito; porque vós moveis o meu entendimento, e afeiçoais a minha vontade, para conhecer, e depender em tudo do vosso agrado. E desta mesma sorte has tu de fallar ao Senhor com grande confiança, lembrando-lhe, alem d'isso, que, quando lhe pedires, que te faça a tua vontade, te não despache a petição, mas tó lhe ponha favoravel despacho, quando lhe pedires, que se cumpra o seu Divino querer; porque finalmente a isto te obriga o ser de Deos, e o teu proprio ser; isto he, o ser o Senhor por si, e para ti a affluencia de todos os bens: *Domine, doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu*. E se JESU Christo, como revelou MARIA Santissima a hũa devota terva sua,

sua, morreo com hum amor especial para com os obedientes, e que com o mesmo affecto singular offerece por elles a seu Eterno Padre lá no Ceo a sua Paixaõ, bem podes crer facilmente, que te não negará finalmente a consecuçãõ desta virtude, de que sempre fez tanta estimaçãõ.

O segundo meio he, persuadíreste firmemente, que, para te chegares a Deos, não ha caminho melhor, que a obediencia. Tres condiçoês se podem dezejar tenha hum caminho; que seja *facil, seguro, e breve*, para que, indo por atalho, se chegue com mais brevidade ao termo dezejado; e todas estas condiçoês se achãõ maravilhosamente na obediencia.

Em primeiro lugar, ella he hum caminho *facil*, para chegar a Deos, e para adquirir hũa grande perfeiçãõ: *Utinam attendisses mandata mea, facta fuisset, sicut flumen, pax tua*, diz o Senhor por *Isaias* <sup>48.183</sup>. A alma, que toma a obediencia por guia, goza de hũa paz superabundante, como a corrente de hum rio caudaloso, que não secca em tempo algum do anno. E a razãõ he, porque com a consideraçãõ de que Deos tem fallado pella boca dos Superiores, e que por meio delles tem posto em tal estado, em tal occupa-

Ec çãõ,

ção, e em tal perigo, se enche de hũa inerte  
 vel fortaleza para não temer, e para se per-  
 suadir, que Deos a ha de ajudar, e trocar os  
 perigos em segurança. Pello contrario, on-  
 de não ha obediencia, tudo he inquietação,  
 tudo confusão, e tudo terror: *Confundetur*  
*Israel in voluntate sua.* Jonas, quando des-  
 obediente, não achou segurança em hũa nao  
 bem possante; e o mesmo, resoluta ja a cum-  
 prir com a obediencia, achou tanta quiete-  
 ção no ventre de hũa baleia, que compoz  
 dentro della hum Cantico de louvores ao  
 Senhor. He certo, que a felicidade dos Bem-  
 aventurados toda está posta na vontade de  
 Deos; e assim não pode deixar de consistir  
 na mesma vontade a felicidade dos Viado-  
 res: *Beati sumus, Israel, quia, que Deo pla-*  
*cent, manifesta sunt nobis.* Todas as cousas  
 estão, bem no seu lugar; e tendo o proprio lu-  
 gar da vontade creada debaixo da vontade  
 de Deos, e o estar sujeita ao Divino bene-  
 placito, quando d'elle se aparta, por se não  
 querer sujeitar, fica como hum osso, que es-  
 tá deslocado, o qual, por mais fomentação  
 é, que lhe fação, nunca achará descanso,  
 fenaõ depois de o tornarem ao seu proprio  
 lugar, e natural junta. Esta consolação, e  
 esta paz se experimenta mais que nunca á  
 hora

Osec.  
10.6.

Ba-  
1uc. 4.  
4.

hora da morte, em que os verdadeiros obedientes começáo a gozar de húa parte daquelle grande bem, que lhes espera por premio; e assim como os ventos mais frescos são final para os navegantes de estarem perto de terra, assim a frescura, que manda o Senhor aos obedientes naquella hora, he para elles hum grande final de estarem propinquos ao Ceo. Hum Monge Cisterciense, chamado Gerardo, estando vizinho á morte, esteve tres dias fora dos sentidos, e tornando em si, exclamou: Oh que grande cousa he a obediencia! Eu fui appresentado no Tribunal Divino, e me mostrott o Senhor as almas bemaventuradas dos nossos Religiosos, e entre ellas tambem hum lugar para mim, acrescentando, que quem amar de coração a Obediencia, e a sua Religião, não se ha de perder.

A' facilidade deste caminho se ajunta a segurança delle. Hum verdadeiro obediente não tem que dar conta a Deos de outra cousa, senão de húa só, isto he, se executou com pontualidade quanto lhe foi mandado; a isto só he que se reduz todo o seu exame, e todo o seu processo; á vista do que prorompeo São Jeronymo nesta exclamação: Oh liberdade summa da obediencia, com que se

Dõ  
Arin  
S. Ber  
nard.  
post  
medo

segue, que apenas pode peccar o homem? *O summa libertas, qua obtentâ, vix homo possit peccare!* Que cuidais vós, pergunta São Joan Climaco, que he a obediencia na Religiaõ? e responde, que he hũa defença, e hũa desculpa para o dia do Juizo: porque se lá te perguntarem, porque não tiveste mais tempo de oraçaõ; porque não fizeste penitencias mais alperas; porque não repetiste a confissãõ geral, para melhor te assegurar; porque chegaste tantas vezes á Sagrada Comunhaõ? e outras perguntas semelhantes, que se te fizerem, se lhes poderes dar em resposta, que assim to ordenou o Superior, não se passará adiante no teu processo; e quando o Santo Job não esperava poder dar resposta a hũa só pergunta do Senhor entre mil: *Non poterit ei respondere unum pro mille;* hũa alma obediente responderá cabalmente a mil perguntas com esta só palavra: *Fiz o que me mandaraõ os meus Superiores;* e com esta palavra só conseguira a victoria. Semelhante segurança não podem ter lá os seculares, ainda que sejaõ pios; porque difficulosamente poderãõ regularse em todas as suas obras pella obediencia; e o mesmo Director, que querem que os encaminhe, foi escolhido por elles, e não lhes foi dado immediatamente pello

pello Senhor, assim como dá o Superior aos Religiosos.

Os Pilotos antigos, porque não tinhaõ Agulha, nem Carta de marcar, caminhavaõ só de dia, terra terra, temendo engolfarse no alto mar; mas os Pilotos de agora andaõ tanto de dia, como de noite, e se engolfaõ no alto mar com segurança, porque sempre sabẽ onde estaõ, e tem marcado nas suas Cartas todos os baixos, e portos. Semelhante pois diversidade has de suppor, que ha entre os bons Religiosos, e os Seculares tambem bons. Os seculares sempre haõ de ter os olhos abertos para verem tantos baixos, que se lhes atravessaõ na sua viagem; mas aos Religiosos basta, que olhem para o que lhes diz a obediencia, e, indo com ella, podem caminhar com segurança no meio das maiores trevas. São Simeão Estilita vivia, como em outra parte dissemos, hũa vida taõ extraordinaria, e taõ superior ás forças da natureza, naquella sua coluna, sempre em pé, que os Padres do Ermo começaraõ a duvidar, se podia nisso haver algũa illusão diabolica; e juntos em consulta, determinaraõ aclarar a sua duvida por este caminho; mandaraõ hum mensageiro em nome de todos ao Santo, com ordem, de que descesse logo da sua co-

luna, e tornasse a fazer a vida commua, que antes, dando instrucção no mesmo tempo ao mensageiro, que, se o Santo se abalasse logo para obedecer, revogasse elle tambem a ordem, que levava, e o esforçasse de parto de todos a proleguir no teor de vida, que tinha começado; porém que, se, pello contrario, elle mostrasse repugnancia em obedecer, em tal caso o lançasse logo da columna abaixo, e não lhe permittisse estar maistempo sobre ella. Foi o mensageiro, e notificou ao Santo a ordem dos seus Superiores, e apenas se lhe tinha intimado; quando logo deliceo com hum pé; foi porém detido, e revogada a ordem, foi exortado á perseverança em nome de todos os Padres. E he tanto assim tudo o que fica ditto, que no meio de todos os perigos da vida espiritual, nunca souberão achar os Santos segurança maior, que a que se encontra na verdadeira obediencia.

Nem tem só estas prerogativas a obediencia, porque ella he hum caminho, que leva para Deos, não só o mais facil, e o mais seguro, mas tambem o mais breve. Comparaõ os Santos a Obediencia ao martyrio, porque, le pello martyrio se corta a cabeça ao corpo, pella obediencia se corta a cabeça á

vontade propria; e este segundo martyrio vence na dilacão, o que o primeiro se lhe aventajaria no horror: *Horroro quidem mitius, sed diuturnitate molestius.* E sendo o martyrio corporal o caminho mais breve para nos chegarmos a Deos, tambem o he o da obediencia; cujo merecimento parece que realça mais, quando fazemos a vontade de Deos, que se nos intima por meio dos Superiores, do que quando a cumprimos, sendo nos immediatamente intimada pello mesmo Deos. Quem não daria de boa vontade a esmola, se JESU Christo lha viera pedir em pessoa? e com tudo, reconhecendo o homem, nos pobrezinhos a pessoa do Senhor, e sofrendo as molestias, que lhe causaõ, e socorrendo com liberalidade as tuas necessidades, he certo, que exercita mais a Fé, a humildade, e a paciencia, do que exercitaria, se JESU Christo lhe mandasse hum Anjo, ou elle mesmo viesse em pessoa pedir a esmola. Pois o mesmo digo eu da obediencia; e neste sentido affirmou o Santo Frei Gil, Discipulo muito querido de São Francisco, que mais era o obedecer ao homem, quando era Superior, por amor de Deos, do que obedecer immediatamente ao mesmo Creador; donde se vê, que aquillo mesmo, que



he bom, fica sempre melhor, se se ajuntã com a obediencia, assim como hum licor doce, que fica cada vez mais doce, se se lança em hum vaso de ouro. E alem disso, as cousas pequenas se fazem grandes pella obediencia, donde costumava dizer o Beato Henrique de Suso, que escolheria de melhor gosto o ser hum vil estropajo por vontade de Deos, do que ser hum Serafim por vontade propria. E não só as cousas pequenas se elevaõ pella obediencia, mas ainda as indifferentes, que em si nem são boas, nem más, como o comer, dormir, trabalhar, e divertir-se, e até todos os passos, e movimentos, se se fazem por obediencia, são de muito valor, e estimação. No Mosteiro de Santo Odón havia hũa regra, que cada hũ recolhesse as suas migalhas, acabada a mesa, e as comesse; e outra regra mandava, que ninguem comesse depois de acabada a lição da mesa. Succedeo pois que hum Monge, depois de apanhar as suas migalhas, e estando para as metter na boca, ouviu o fim da Lição; levouas então na mão, e se foi ter com o Abade, para em presença de todos se accular da sua negligencia, e descuido, em as não ter comido a tempo: quando heis que, abrindo elle a mão, viraõ todos os presentes, que

as migalhas se tinhaõ transformado em outras tantas pedras preciosas; querendo o Senhor dar a entender com aquelle prodigio aos Religiosos daquelle Mosteiro, e a todos, que não ha acção, por miuda, e indiferente, que seja, que, sendo regulada pella obediencia, não alcance húa summa estimacão nos olhos de Deos. O que supposto, não te causará admiracão, que os antigos Eremitas, depois de haverem empregado muitos annos na solidaõ, vivendo, entre austerissimas penitencias, e elevada contemplaçãõ, húa vida mais que humana, voltassem algúas vezes ao Mosteiro, para se exercitarem na obediencia; antepoendo o merecimento desta virtude a todos os outros exercicios; assim o referre Cassiano, nas suas Conferencias, de hum Monge, chamado Joaõ, homem de santidade excellente, que havendo vivido vinte annos em Comunidade com admiravel exemplo, se foi para o deserto, onde viveo outros vinte annos, em oraçãõ tão elevada, que ficava muitas vezes extatico, e era arrebatado, e levantado da terra. E com tudo isso, havendo feito comparaçãõ entre o proveito, que tirara na solidaõ, com o que ganhara no Mosteiro, tornou a este, a sometterse á obediencia entre os Noviços, confel;

Col:  
1st.  
19.6.  
2.

cellando, que a ganancia, que deixava, largando a sua alta contemplação, se recompensava com grande ventagem por meio da humilde sujeição aos Superiores, e que assim estava muito satisfeito com a troca.

Bastará, a meu ver, o que fica ditto, para te fortificar muito no amor a esta virtude; mas se não bastar, necessario será fazer com a tua alma, o que se faz com as cousas, que ameaçaõ ruina, que he renovar-lhes os fundamentos. Toda a excelsa fabrica pois da obediencia se estriba em dous fundamentos: o primeiro he, o persuadirmonos, que o nosso verdadeiro bem, proveito, e merecimento consiste unicamente em fazermos a vontade de Deos: porque, sendo o Senhor Deos das virtudes, nunca pode haver acto algum virtuoso, senão em quanto he agradável á Divina vontade. O outro fundamento he, o assentarmos, em que, para conhecer esta vontade Divina, não ha outra regra mais segura, que obedecer aos Superiores em todas as cousas, em que se não veja peccado manifesto. Esta regra não tem excepção algũa; e assim, quem não for totalmente inimigo da sua propria alma, não pode fazer cousa, que melhor lhe esteja, nem que seja para maior gloria de Deos, que por se todo  
nas

nas mãos da obediencia, e deixar-se guiar por ella, com certeza, de que em tal caso obra o melhor, e acerta sempre nas suas resoluções. O que supposto, que motivo racional podes tu ter, para te apartar deste caminho da Obediencia, quando as mesmas revelações de Deos não te dariaõ mais segurança, que a cordens dos teus Superiores? Bem inteirada estava desta verdade Santa Theresã, pois ainda quando Deos lhe revelava algũa nova resolução, que havia de emprender, nunca punha cousa algũa em execução, se não depois de a approvar a obediencia, não obstante não lhe ficar lugar de duvidar, que tinhaõ sido de Deos as revelações, que tivera. Que queres tu pois ouvir mais sobre esta materia? se amas a Deos, e dezejas a tua salvação, e o teu proveito espiritual, basta que te convenças a ti mesma com este argumento: Todo o nosso bem consiste em obedecer a Deos: nunca obedecemos melhor a Deos, nem com mais segurança de que fazemos a sua Divina vontade, que quando obedecemos aos Superiores, que tem as suas vezes, e authoridade; logo nesta obediencia aos Superiores consiste o nosso maior bem.

ACTOS, COM QUE SE EXER;  
cita a Obediencia.

**C**Om tres actos se exercita inteira, e perfeitamente esta Celestial virtude da Obediencia; e são, *Executar*, *Querer*, e *Julgar*: procurarei explicar todos tres com brevidade, e clareza.

O primeiro acto, com que se exercita a Obediencia, consiste em *Exercitar* com diligencia, e promptidão as ordens, e ainda o final da vontade do Superior. Se te persuadiras vivamente, que a voz da obediencia he voz de Deos, bastaria certamente isso para desterrares toda a tardança, e negligencia. Quando o pulso de hum mancebo bate como o de hum homem velho, he final certo de que ha de morrer cedo; e se tu te achas falta de forças para executar o que se te mandou, eu te pronostico curta vida á tua obediencia: se agora te moves com vagar, e perguiza, e daqui a pouco te poês de todo parada; se hora arrastas a victima para o sacrificio, e daqui a pouco a deixas ir solta, e livre á sua vontade; nunca a tua obediencia será myrrha escolhida, pois distilla com tanto trabalho, quanto te custa o fazeres o que

se mandaõ; nem experimentarás aquelles fa-  
vores, e effeitos admiraveis, que muitas ve-  
zes experimentaõ sensivelmente os diligen-  
tes. Achou hũa vez São Colúmbano, vindo  
de hũa jornada, a muitos Monges doentes  
no seu Mosteiro; e, para experimentar a sua  
virtude, mandou, que se levantassem logo  
todos da cama, e que fossem para a eira a de-  
bulhar, e recolher o trigo para o provimen-  
to daquelle anno. Alguns mais fervorosos,  
apenas ouviraõ a voz do Superior, quando  
pediraõ os habitos, e se vestiraõ prompta-  
mente, e estes logo ficaraõ saõs: pello con-  
trario, outros se detiveraõ, discorrendo so-  
bre a ordem, e assentaraõ, que era impossí-  
vel o levantaremse, e muito menos tomarem  
hum trabalho taõ pesado, e a estes se lhes ag-  
gravou a sua enfermidade, e padeceraõ mui-  
tas dores por espaço de hum anno, em casti-  
go da sua pouca fé, e diligencia em obedec-  
er. Pello que, não te deixes levar da per-  
guiça, mas logo, em ouvindo o final da obe-  
diencia, deixa logo tudo, aindaque te não fal-  
tasse mais, que acabar hũa letra, que estás  
escrevendo. Havendo Santa Francisca Ro-  
mana interrompido por tres vezes hũa anti-  
phona do Officio, que começara a rezar, em  
ordem a fazer com promptidaõ o que lhe  
man-

mandava seu marido, achou depois a Antiphona escrita com letras de ouro. O demônio certamente tem muita ganancia, se te poder roubar as primicias, e levar a flor da tua obediencia.

O segundo acto he o *Queret*, acompanhando-se a execuçaõ do que se manda com o affecto da vontade. Se obedeceres no exterior da obra, mas com queixa interior do coração, offercerás a Deos hum corpo sem alma, e será o teu sacrificio pouco melhor, que o de Caim, e ao menos não será certamente semelhante ao de Abel, de quem o affecto da offerta foi mais aceito, que a victima. E na verdade, que o executar com gosto as cousas, que se te mandaõ contra o teu genio, dará a conhecer mais, que nenhũa cousa, se es verdadeira obediente. Quando o balde quebrado está dentro do poço, não se pode conhecer se está roto, ou não, porque está cheio de agua, como se estivesse saõ, mas se o puxarem acima, logo se vê, que está roto, e que não tem mão na agua. Em quanto te mandaõ cousas conformes a teu gosto, não poderás saber dizer, se tens a virtude da obediencia; mas logo mostrarás se a tens, ou não, se te mandarem cousas contra o teu genio, porque verás logo, se tomas  
por

por regra das tuas obras a tua vontade, ou a de Deos. Mas que seria, se a cousa te não desagradasse, senão porque ta mandaõ fazer, de sorte, que não te pareceria difficil, se fosse de terminação tua, e te parece intoleravel, porque a determinou a obediencia? Eu digo, que pouco bem se poderia esperar de ti, ainda que no demais fizeras grandes cousas; porque a dureza da tua vontade ao menos as faria inuteis para a gloria de Deos. A melhor madeira para a fabrica de hum edificio seria a de cedro, se não resistisse ao entrar dos pregos, que he preciso pregar nella para ter maõ na obra. Miseravel do teu coração, se não admitte, e abraça as ordens, que se te dão, e se contenta só com a execuçaõ do que se manda! não será elle apto para fabricar templo ao Senhor, e a tua obediencia será pouco melhor, que a de hum escravo, e não sei se diga, que pouco melhor, que a de hum caõ para com o seu dono.

O ultimo acto da obediencia he o *Julgar*, e por este se completa, e aperfeiçoa o holocausto, quando, não só se executaõ com promptidaõ, e diligencia as ordens, de quem manda; não só se obedece, accrescentando á execuçaõ a boa vontade, cumprindo com alegria, e não por força, as mesmas ordens, mas



mas accompanha a tudo isto o juizo, julgando, que he bem mandado o que se mandou. Nos meninos, o primeiro, entre todos os membros, que cresce, he a cabeça; e assim succede tambem ás vezes ás pessoas espirituales, que, quanto mais tempo tem andado pello caminho da perfeição, tanto mais cresce a estimação do seu proprio juizo, porque se persuadem, que são mais capazes para se governarem a si, e notaõ de pouco experimentado, ou de indiscreto, a quem as não guia a seu modo. Não o faças tu assim, antes te debes persuadir, que não tens peor conselheiro, que tu mesma, e que, pellas tuas paixões, es como hum enfermo, ao qual aproveita mais aquillo, de que menos gosta. Por tanto não deixes de fazer holocausto inteiro de ti mesma, offerecendo nas aras da obediencia, não só as potencias inferiores para executar, mas tambem as superiores do entendimento, e vontade, contentandote, e approvando, como bem feito, e bem mandado tudo, quanto se te manda. E este modo de obedecer he aquella obediencia cega, tão louvada pellos Santos, a qual se chama cega, não porque não veja, se o que se lhe manda he peccado, ou não, mas porque não olha, se o Superior he prudente, ou pouco

prós

pratico, nem se procede com zelo, ou com paixão; e só se lembra, que o Superior está em lugar de Deos; que he Ministro do Senhor, e tem delle authoridade; e que Deos, por sua providencia, nos quer guiar por meio dos homens; e toma por sua conta o mudar em proveito nosso, ainda os erros, que elles dão, dandonos vista, como ao Cego do Evangelho, por meio do lodo, que parece nos havia de cegar mais. Concluamos esta materia, sobre a qual se podia discorrer largamente, com duas advertencias: a primeira he, que não he contra a obediencia o representar com humildade as razões, e as difficuldades, que se offerecerem contra as ordens dos Superiores; porque finalmente elles não são Profetas, que conheçam o interior do coração, nem Anjos, que conheçam tudo em hum instante, senão homens, que sendo mais bem informados da verdade, podem mudar de parecer. Verdade he, que antes de propor, he necessario encommendar muito o negocio a Deos, e olhar, que o motivo de propor não seja só o amor proprio, e a vontade de condescender com a propria sensualidade; e tambem, depois de haver proposto as nossas razões, nos devemos sossegar, e ficar igualmente contentes, ainda que o Superior

1.  
Reg.  
15.23.

perfiſta nas ordens, que tem dado. O não ſe aquietar neste caſo o ſubdito, alem de dar moſtras de obſtinacão da vontade, e de tenacidade do juizo, deſgoſta tanto ao Senhor, que o compara com o idolatra: *Quaſi ſcelus idololatriæ nolle acquieſcere*; porque em tal caſo o deſobediente quer fazer ſe a ſi proprio a primeira regra do obrar, que he hum titulo, que ſó a Deos compete, a quem ſe deixa de adorar, por idolatrar com a deſobediencia no idolo da ſua propria vontade, e juizo.

Lib. 2.  
cap. 5.

A outra advertencia he, que o attrahir com industrias, e maquinas aos Superiores, a que nos mandem, o que cada hum quer, não he obedecer a Deos, nem aos Superiores, mas querer, que elles, e Deos nos obedeçaõ: e muitas vezes tem tido exito inferniciffimo eſſe modo de obediencia palliada, e eſſas licenças alcançadas por violencia. Nas Chronicas da Ordem de São Domingos, que eſcreveo o Padre Fr. Fernando del Caſtilho, ſe conta de hum Religioſo, que fazendo grande fruto nas almas com os ſeus Sermoões, e dando a todos exemplo de hũa virtude ſingular, começou a pedir licença para fazer algúas viſitas com titulo de caridade, e de conſolacão do proximo. Os Superiores porém,

jul.

julgando as taes visitas por superfluas, lhe  
 negaraõ a licença, que pedia; mas elle, fian-  
 dose mais em si mesmo; do que na pruden-  
 cia delles, procurou conseguir a tal licença  
 do Summo Pontifice, como com effeito  
 conseguiu, aindaque para seu mal, pois lhe  
 cresceraõ, como á formiga, as azas com essa  
 maior liberdade, em prejuizo seu: porque  
 dali a pouco lhe succederaõ muitas desgra-  
 ças, e vindo em húa occasiaõ de certa visi-  
 ta, adoeceo mortalmente, e se foi para a ou-  
 tra vida antes, que chegassem alguns Religi-  
 olos, que se tinhaõ mandado buscar, com  
 finaes de não só estar desamparado dos ho-  
 mens, mas tambem de Deos. As tuas instan-  
 cias pois, só se haõ de encaminhar a conhe-  
 cer melhor a vontade do Senhor, e em a ha-  
 vendo conhecido, o persistir os Superiores na  
 sua primeira determinação não te deve servir,  
 fenaõ para sustentar a tua alma com essa Di-  
 vina vontade, interpretada pella obediencia;  
 e esse sustento te conservará a vida spiritu-  
 al da alma; te corroborará as forças; te cau-  
 sará grande gozto, e te fará crescer na virtu-  
 de: *Meus cibus est, ut faciam voluntatem e-*  
*jus, qui misit me.*

Joãõ  
 S. 308

## LIÇÃO ESPIRITUAL,

Para o septimo dia dos Exercicios.

## SOBRE A VIRTUDE DA RELIGIAO.

**P** Ode-se dizer, que ainda nos animaes achaõ os homens algum rasto de todas as virtudes moraes, excepta a sublime virtude da Religiao. Ao perguicofo mandou Salomaõ á formiga, para della aprender a diligencia, e a providencia: *Vade ad formicam, ó piger*: e da mesma sorte costumava mandar a todos os homens, para aprenderem, a fortaleza, dos leoões; a justiça, das abelhas; a castidade, das rolas; o agradecimento, dos elefantes; a fidelidade, dos caes; e a piedade para com os pais, das cigonhas. Em ordem porém a venerarem o seu primeiro principio, não se podem mandar os homens a outra escola, senão á dos Espiritos bemaventurados, que jámais cessão de o venerar: *Et requiem non habebant, die, ac nocte, dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus*; porque em nada do que he inferior ao homem se acha, nem ainda sombra, desta virtude, tão sublime he, como isso: o que supposto,

Prov.  
6.5.Apoc.  
4. 8.

ser:

fertehá sem duvida muito agradavel o saberes a theorica, e a pratica desta virtude, que aqui explicaremos nesta lição.

He pois a Religião húa virtude, que leva a ventagem a todas as virtudes moraes, e conduz ao homem a dar a Deos o culto, que lhe he devido, por razão da sua summa excellencia, e supremo dominio sobre todas as cousas. Dizse, que leva a ventagem a todas as outras virtudes moraes, porque o seu objecto he o mais nobre, que pode haver, abaixo de Deos, na terra, e vem a ser o seu Divino culto; e conta-se tambem ella entre as virtudes moraes, posto, que seja taó nobre; porque he húa certa especie de justiça, que faz a Deos a nossa vontade, reconhecendo, por húa parte, a sua grandeza, e superioridade, e por outra, a nossa sujeição, e dependencia. Como porém não pode chegar a pagar inteiramente ao Senhor o que lhe devemos, por isso não pode chegar á natureza de húa rigorosa justiça, mas sómente se lhe pode avisinhar, e imitalla: mas não obstante o não poder ella dar ao Senhor hum equivalente da nossa divida, he com tudo isso mesmo hum grande realce desta virtude, pois emprende honrar cá na terra aquelle grande Ser, que nem ainda no Ceo se pode

bastantemente venerar: neste culto empregua a virtude da Religião a todas as mais virtudes juntas com a caridade; com esta differença, que a caridade refere todas as virtudes a Deos, como hum bem de Deos, que são; e a Religião refere as mesmas virtudes, como cousa, que he devida a Deos, e como hum direito, que pertence á sua infinita grandeza, e á nossa submissão. Finalmente á Religião pertence o dirigir todas as nossas obras, tanto interiores, como exteriores, á honra de Deos; e assim a sua esfera não pode ser maior, nem mais dilatada. Sirva o que fica ditto, o que tal vez não perceberias, para te fazer conceber húa grande estimaçãõ desta virtude, que tambem dá o nome ao Estado, em que te achas de Religiosa, e te obriga a exercitalla com mais perfeiçãõ.

*MEIOS PARA CONSEGUIR A  
Virtude da Religião.*

O Primeiro Mestre desta insigne virtude foi JESU Christo, o qual, no mesmo instante, em que foi concebido, troucou o Ventre da Santissima Virgem em hum Templo, que dêsse a Deos, por hum modo nunca usado, tão grande culto, como me-  
re-

recia a Divina Excellencia, e satisfizesse com abundancia por quanto tinhaõ faltado, e haviaõ de faltar os homens nesta parte á sua obrigaçãõ. Voltate pois, a este Senhor, e á sua Santissima Mãe, que taõ bem o imitou nesta formosa virtude, e pedelhes com instancia, que ajudem a tua pobreza, e fraqueza, e te disponhaõ para exercitar com perfeiçãõ tudo quanto pertence ao Culto Diviuo.

E porque a Religiaõ toma a seu cargo o empregar ao homem todo neste culto para com o Senhor, os outros dous meios, para a conseguir, que apontaremos aqui, se dirigiãõ principalmente a instruir nos motivos desta virtude as nossas potencias superiores, entendimento, e vontade, paraque, movidas ellas, possaõ depois mover facilmente as potencias inferiores.

A primeira roda pois desta espiritual maquina, he conceber no nosso entendimento hum altissimo apreço da grandeza de Deos; porque, se a qualquer grao de excellencia, e superioridade se deve hum grao de honra, que honra se naõ deverá á Excellencia infinita do Senhor? Possue Deos na sua natureza simplicissima todas as perfeiçoês possiveis; donde, havendo entre Deos, e nós hũa distancia immensa, he preciso, que seja sem  
Ff 4 igual



igual a nossa submissão para com Deos. Está o Senhor por sua immensidade em todo o lugar; e se, quando na Corte se ouve dizer, ahi vai el Rei, todos se humilhaõ; que humilhação será proporcionada á immensidade do nosso Deos? Tem estado o Senhor, e estará em todos os tempos; e se a nobreza entre os homens he tanto mais respeitavel quanto mais antiga, com que respeito não devemos nós venerar a Divina Eternidade? Sabe o Senhor todas as verdades, e com hũa só vista comprehende em si mesmo todas as sciencias; e se hum Estudante se portá com tanta veneração diante do seu Mestre, que reverencia haverá jámais, que seja adequada á nossa ignorancia, e ao Divino saber? O Senhor pode tudo quanto quer, e não pode querer cousa má; nem tem necessidade de instrumentos, nem de ajuda, nem de conselho, nem de materiaes, porque para tudo basta só a sua palavra; que obsequio pois será bastante para venerar hum Poder tão sem medida, se se venera com tantos obsequios a hum rei da terra, que pode tão pouco, e isso por meio dos seus vassallos, e por si não pode nada? He Deos infinitamente santo; e se hũa pessoa de virtude se venera de tal sorte entre nós, que até as suas cinzas nos são preciosas, que

que apreço, e que estimação não merecerá, e com muita mais razão, a mesma Santidade do Summo bem? He finalmente Deos, nosso Senhor, e de todas as mais cousas; e não só nos fez do nada, mas nos conserva em todos os instantes, para que não tornemos ao nosso nada; e não será justo, que correspondamos com toda a submissão possível á causa unica de todo o nosso bem, sem quem nem ainda possíveis seríamos?

Estes motivos ponderados com madureza, conquistaõ o nosso entendimento, e tambem se senhoreiaõ facilmente da nossa vontade; para porém a inclinar com mais efficacia ao exercicio desta sublime virtude, será de grande proveito o ponderarmos quaõ grande bem he a Gloria de Deos, e a summa felicidade do homem em poder promover os interesses do seu Senhor. He pois a Gloria Divina, pella qual se manifestaõ as perfeiçoës Divinas ás suas creaturas, huma bem, que participa do infinito, sendo hum bem, que pertence ao mesmo Deos. Alem de que, este he o bem, que Deos tem por fim em todas as suas obras, attendendo nellas principalmente a manifestar a sua bondade; e sendo assim, que este he o termo, a que o Senhor tem ordenado a natureza, a Graça,

e a Gloria, será sem duvida muito grande a nossa felicidade, se formos instrumentos desta Divina manifestação. Quanto mais, que ella he o unico bem, que podemos dar a Deos, o qual, por ser em si mesmo a enchente de todas as perfeições, não he capaz de receber outro bem, senão o extrinseco da sua honra; pello que, deixando o Senhor na nossa mão o procurarilha efficaamente, quanto he grande a nossa dignidade, se lhe fazemos o gosto, tanto será monstruosa a nossa ingratitude, se faltarmos ao Supremo ser com hũa cousa, que elle tanto estima, e que lhe he devida por tantos titulos, quantas são as suas perfeições, e as nossas miserias.

*ACTOS, COM QUE SE PODE exercitar esta Virtude.*

V Amos agora á praxe desta sublime virtude da Religiaõ: cujos actos todos se podem facilmente comprehender nestes cinco: *Cultus mentis, cultus cordis, cultus oris, cultus corporis, cultus virtutum*, os quaes iremos explicando cada hum de por si, e brevemente.

O primeiro culto, que dá a alma a Deos, he com o entendimento, *Cultus mentis*, for-  
man.

mando hum altissimo conceito do Senhor, como Creador, e supremo Senhor de todo o mundo, e concebendo ao mesmo tempo hũa vilissima opiniaõ de nós mesmos, como de quem por nós somos nada, nada temos, nem podemos, mas em cada instante recebemos de Deos, como por esmola, todo o nosso ser, e todas as operaçoẽs, que no mesmo ser se fundaõ. Este acto he de grande efficacia, e o devemos repetir muitas vezes, principalmente na oraçaõ; e esta comparaçaõ entre Deos, e nós, e este sentimento da nossa vileza, he muito proprio da virtude da Religiãõ, como hũa protestaçaõ, que he, da Excellencia Divina, aindaque he tambem muito conducente para a virtude da humildade.

O segundo acto he o culto, que se dá a Deos com o coraçãõ, *Cultus cordis*; porque depois, que o entendimento tem julgado por conveniente em summo grao o sujeitarse a Deos, e tributarlhe hum respeito summo, por ser a sua Magestade infinitamente elevada sobre a nossa baixeza, aceita a vontade essa sujeiçaõ, e se deleita com essa dependencia, protestando isso mesmo particularmente nestas tres cousas: Com as *offertas*, com as *petiçoẽs*, e com *acçaõ de graças*. Queria Santa Theresã, que todas as pessõas Religiosas

oias se offerecessem todos os dias muitas vezes ao Senhor; e na verdade, sendo por hũa parte taõ grande a nossa miseria, e por outra taõ grande a bondade do Senhor, que tanto agradece os dezejos, como as obras, seria grande negligencia o têmos descuido nesta parte. Accostúmate pois, a renovar frequentemente os votos da tua Profissão; dedícate todos os dias de novo ao Senhor, protesta, que queres depender inteiramente da sua Divina Providencia, e que em nada te queres apartar da sua vontade. E em quanto ás *petições*, claro está, que com ellas se dá grande Gloria a Deos; porque, acodindo ao Senhor nas nossas necessidades, não só nos sujeitamos a elle, mas damos a entender, que o temos por hum mar inexaurivel de todos os bens, infinitamente rico, para repartir as suas mercês, sem padecer diminuição nas seus thesouros; e infinitamente fiel, para cumprir as suas promessas. Tambem damos grande honra a Deos fazendolhe acção de graças pellos beneficios recebidos, porque lhe damos aquella gloria, que, como temos visto, elle tem por fim em todas as suas obras; e nos dispoem com esse agradecimento para recebermos novos favores, que he o que para o nosso bem quer, e dezeja o Senhor.

Destes

Destes tres actos pois, de te offerêcer a Deos, de lhe pedir mercês, e de lhe render as graças pellos beneficios recebidos, ha de constar a maior parte da tua oração, se queres, que ella te sirva de proveito.

O terceiro acto he o do culto, que se dá a Deos com a boca; *Cultus oris*: o qual comprehende toda a oração vocal, principalmente a reza do Officio Divino. Este, para ser do agrado do Senhor, e para lhe render o devido obsequio, ha de ser acompanhado dos actos internos, pois de outra sorte se poderá queixar o Senhor de nós, e dizernos: *Po-*<sup>Matej</sup>  
<sup>15. 2d</sup>  
*pulus hic labiis me honorat, cor autem eorum longe est à me.* Nem tu mesma terias utilidade algũa em empregar sómente a lingua nos Divinos louvores, e no Officio Divino: porque isto seria comer o favo, sem perceber a suavidade do mel, e embotar os dentes na cera, sem se sustentar a alma com a doce devolução. Se te lembrasses, quando vas ao Coro, que vas a louvar ao Senhor do Ceo, e da terra, em nome de toda a Igreja Santa, não te seria necessario outro motivo, para rezares com toda a attenção: *Quoniam rex*<sup>Psal.</sup>  
<sup>46. 2.</sup>  
*omnis terræ Deus, psallite sapienter.*

O quarto acto se reduz ao culto exterior, *Cultus corporis*; aindaque tambem este deve

ir acompanhado do culto interior, porque de outra sorte seria offerecer a Deos victimas mortas, e não vivas. Neste culto se comprehendem as adorações, o sacrificio, e o respeito, que se tem a todas as cousas, que pertencem ao Senhor.

As adorações, e humilhações do nosso corpo são actos de Religião, porque representaõ a nossa pouquidade, e o nosso nada, e a Magestade do Senhor; pello que, quando vão acompanhadas com a reverencia interior, que se requer, tributaõ grande obsequio a Deos. Alem de que, ja se tem observado, que entre todos os que acodiraõ a Christo para conseguir algum beneficio, a nenhuns tratou o Senhor com aspereza, senão á Cananea, e ao Regulo; com esta differença porém, que essa aspereza a respeito da Cananea foi experiencia, e para maior realce da sua virtude; mas a respeito do Regulo, foi em castigo da pouca reverencia, com que tratou a Christo, pois se não postrou, como faziaõ os demais necessitados, para adorar ao Senhor, quando lhe propoz a sua supplica.

Sobre tudo porém, he necessario, que haja hum respeito summo na assistencia ao Divinissimo Sacramento no Santo Sacrificio da Missa. He esta a obra mais excellente, que

que pode haver no Ceo, e na terra, e he como o centro da Religião, ao qual vão finalmente parar todos os Ritos, e Ceremonias sagradas. Nem se pode dizer, que es alli hum mero assistente em hum acto taõ sublime, porque entras tambem a ter parte no mesmo Sacrificio: pello que seria cousa horrorosa, se assistisses a esse sacrosanto sacrificio com o entendimento distrahido, e os olhos divertidos, quando os Anjos estaõ tremendo de reverencia, e quando hum Sacerdote summo, qual he Christo, está offerecendo por nós hũa victima infinita, qual he o seu Sacratissimo Corpo,

Dèvese finalmente esta reverencia a todas as cousas, que dizem particular respeito ao Senhor; aos lugares sagrados, que saõ as Igrejas; aos Tempos sagrados, que saõ as Festas; ás Pessoas sagradas; que saõ os Sacerdotes; ás Cousas sagradas, que saõ as Reliquias, as Imagens, e os Vasos sagrados; e sobre tudo aos Sacramentos, que instituio o nosso Redemptor, naõ só, como diz Santo Thomas, como remedios contra o peccado, mas como meios, para aperfeiçoar aos Fieis no Culto Divino.

Resta o ultimo obsequio da Religião, que se chama *Cultus virtutum*, culto das virtudes,



des, que entaõ se exercita, quando todos os actos virtuosos se ordenaõ para o fim, de que sirvaõ de tributo á suprema excellencia da Divina Magestade. Oh que largo campo se descobre aqui ás almas dezejosas de honrar a seu Deos, qual he o encaminhar todas as suas obras a esse fim taõ sublime, como he o glorificar o Senhor na presença das creaturas, e santificar o seu excelso Nome! E sendo, por hũa parte, a intençãõ a alma das boas obras, tanto he mais heroica hũa obra boa, quanto he melhor a intençãõ, com que estiver animada: e por outra parte, naõ podendo haver intençãõ mais nobre, que o promover a gloria do Senhor, ou por motivo de caridade, como a bem do mesmo Deos, ou por motivo de Religiaõ, como tributo devido á primeira Essencia, e ao nosso primeiro, e Soberano principio; he certo, que só por este ficarãõ elevadas as tuas accões a hum singular valor, e alta estimaçãõ, e te encaminharás tu a hum grao sublime de virtude; maiormente, se essa tua intençãõ for universal, que abrace todas as tuas operações, e juntamente actual, e renovada com frequencia, de sorte, que te possas gloriar de seres nesta vida hum trofeo da Gloria Divina, erigido sómente em honra sua. Entre

todos os outros Santos se distinguio com especialidade neste valor São Simeão Estilita. Escolheo para sua habitação hũa coluna, e esteve em pé por espaço de 70. annos, sendo nesse tempo o seu emprego principal o louvar a Deos, e adorallo com tanta reverencia, e tão profunda, que chegava a ajuntar o rosto com os proprios pés. Refere Theodoro, que havendo ido com outro companheiro a ver aquelle prodigio de santidade, o companheiro no breve tempo, que se detiveraõ para observar o que o Santo fazia, contou até mil, e duzentas, e quarenta, e quatro dessas adorações profundas, até que cansado ja de as contar, desistio da empresa. Imita tu tambem ao Santo, quanto poder a tua fraqueza, e começando pella manhaã a reverenciar com humildissimas adorações ao teu Creador, tem dezejo, e intenção, que todas as tuas acções, e se podesse ser, todos os teus movimentos, sejaõ hum tributo de reverencia ao Senhor. Os Ceos, diz o Profeta Rei, annunciaõ a Gloria de Deos; e todos os homêns deviaõ de ser Ceos animados por este espirito; mas muito mais o deviaõ ser os Religiosos; e assim como as abelhas a primeira couza, que fazem, quando fabricaõ a sua colmeja, he formar a cella do seu Rei,

 Psal.  
118. 22

assim o cuidado principal de hũa racional creatura, deve ser o exercitar-se com diligencia nas cousas, que respeitaõ ao culto do Senhor, e á honra devida a Deos. Examine pois com cuidado sobre estes cinco pontos, que propuz: e repara, qual he a estimaçaõ, que fazes da incomprehensivel Magestade de Deos; que agradecimento he o teu aos immensos beneficios, que te tem feito o Senhor; qual he a confiança, e a humildade, com que recorres a elle nas tuas necessida-des; com que generosidade de animo renova os teus votos, e os teus propositos; com que devoçaõ, e attençaõ rezas o Officio Divino, e as outras devoçoẽs; com que reverencia santificas as Festas, especialmente as mais solemnes; com que respeito te portas nos lugares sagrados, e para com as pessoas conlagra das a Deos; com que reverencia chegas aos Sacramentos, e assistes ao Santo Sacrificio da Missa; e em hũa palavra, como cumpres com a tua principalissima obrigaçaõ, que he o dares a Deos com o espirito, e com o corpo essa gloria, que pede, e lhe he devida. Lembrate, que naõ vies te ao mundo, senaõ para nelle, como em hum Templo, offereceres á Divina Magestade este sacrificio de louvor, e de reconhecimen-  
to;

to; para este fim te tem concedido Deos até agora a vida, conservandote em todos os instantes della, e defendendote em mil perigos; para este fim te servem todas as creaturas celestes, e terrestres; pello que, se faltas a esta tão grande obrigação, que tão entranhada está no teu mesmo ser, mereces, que te não allumie o Sol, que te não sustente mais a terra, que te não aquece já o fogo, que te não guardem mais os Anjos, e em húa palavra, que te deixem de servir todas as creaturas: porque, quem da sua parte não cumpre com as convenções, não merece, que a outra parte lhas cumpra: *Qui frangit fidem, fides frangatur eidem.*

## LIÇÃO ESPIRITUAL,

Para o oitavo dia dos Exercícios.

### SOBRE A CARIDADE DO Proximo.

**T** Odas as desculpas, que allegaõ os homens para se apartarem da suavissima Lei de amar a Deos, se reduzem a húa, que he o dizerem, que o não vêm. E daqui nasceo, se bem se reparar, a idolatria, porque,

havendole perdido, depois do diluvio, aquelle sensível conhecimento, que haviaõ tido os homens do Creador, começaram a fabricar hum Deos proporcionado á capacidade dos seus sentidos; e para comprehenderem o Oceano da Divinidade, o repartiraõ em outros tantos rios, quantos eraõ os falsos Deoses, que veneravaõ em todas as partes do mundo. Sofreo por muito tempo o Senhor esta materialidade, e grosseria do coração humano, até que movido de compaixão, nos quiz contentar; e vestindose de carne humana, quiz apparecer, e conversar conosco, como hum de nós, para nos attrahir a si com o exemplo de hũa tão admiravel condescendencia; e para tirar, até aos nossos mesmos sentidos, toda a repugnancia de o amar: *Post hæc in terris visus est, & cum hominibus conversatus est.* Mas oh dureza do coração humano! pois nem ainda essa invenção tão admiravel, e tão amorosa, bastou, para de todo conquistar os corações dos homens ao Amor Divino. Pello que JESU Christo nosso Salvador, que tinhato-mado sobre si o acabar com essa grande empreza, tomou a resolução de constituir a toda sua pessoa, e ajuntar com elles os seus inter-

Mat. 3.  
38.